



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**HERÓIS EM PAUTA:  
A COBERTURA JORNALÍSTICA DOS ESPORTES  
OLÍMPICOS**

**KATRYN KISCHLAT DIAS**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**HERÓIS EM PAUTA:  
A COBERTURA JORNALÍSTICA DOS ESPORTES  
OLÍMPICOS**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**KATRYN KISCHLAT DIAS**

**Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Costa**  
**Co-orientadora: Profa. Me. Camila Augusta Alves Pereira**  
**Co-orientador: Prof. Me. Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Heróis em pauta: a cobertura jornalística dos esportes olímpicos**, elaborada por Katryn Kischlat Dias.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Co-orientadora: Profa. Me. Camila Augusta Alves Pereira  
Mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação Social – UERJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Co-orientador: Prof. Me. Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha  
Mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação Social – UERJ  
Departamento de Teoria da Comunicação – UERJ

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior  
Doutor em Ciência da Informação pelo convênio IBICT/ECO-UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini  
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

DIAS, Katryn Kischlat.

Heróis em pauta: a cobertura jornalística dos esportes olímpicos.

Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa

DIAS, Katryn Kischlat. **Heróis em pauta: a cobertura jornalística dos esportes olímpicos.** Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho procura colaborar para o campo de pesquisa sobre esportes olímpicos, ainda pequeno no país. A abordagem principal é a representação do herói olímpico nos meios de comunicação, mais precisamente no jornal impresso *O Globo*, no período dos Jogos Olímpicos de Londres, entre julho e agosto de 2012. O objetivo é verificar se os atletas dessas modalidades, geralmente desconsiderados pela grande imprensa, conseguem maior repercussão quando alcançam grandes resultados, furando a hegemonia do futebol. Para isso, foi feito um estudo de caso, analisando comparativamente o espaço dedicado no caderno de esportes ao atleta Arthur Zanetti, da ginástica artística, antes e depois da conquista da primeira medalha de ouro do país na modalidade.

## **SUMÁRIO**

### **1. INTRODUÇÃO**

### **2. OS JOGOS OLÍMPICOS**

2.1 O Brasil nos Jogos Olímpicos

2.2 O significado dos Jogos Olímpicos

2.3 A cobertura jornalística de esportes olímpicos

2.3.1 Entrada do esporte no jornal brasileiro

### **3. OS HERÓIS OLÍMPICOS**

3.1 A aventura do herói

3.2 Sua importância

3.3 Herói olímpico x Ídolo do futebol

### **4. ESTUDO DE CASO: O CAMPEÃO ARTHUR ZANETTI**

4.1 Metodologia

4.2 A Ginástica Artística

4.3 Os Jogos Olímpicos de Londres

4.4 Arthur Zanetti: o herói consagrado em Londres

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **6. REFERÊNCIAS**

## DEDICATÓRIA

Ao iniciar este trabalho, não tinha ideia do quanto a conclusão do curso superior poderia ser próxima da saga de um herói. Assim como nossos atletas olímpicos, enfrentei minhas doses diárias de obstáculos e tive que provar minha força de vontade.

As provações vieram ainda nas semanas iniciais do semestre, quando concluí o primeiro capítulo. Ao descobrir que não poderia ser orientada pela professora que tinha escolhido, empreendi uma busca por soluções. O resultado foi uma equipe multidisciplinar de orientação com três membros de formações acadêmicas diferentes.

Superada a primeira missão, enfrentei as tentações naturais de trocar o estudo pelos treinos de vôlei, por passeios com amigos, pelos livros de ficção, pelo cinema e até pela televisão.

Mesmo agora, momento em que coloco o último ponto final na última página, permaneço com a dúvida se vou terminar o ano com o diploma na mão. Uma séria mudança de burocracia da Universidade Federal do Rio de Janeiro pode me prender ao curso pelos próximos seis meses. Mas como aprendi ao longo dos meses, devo manter a “fé inabalável no resultado positivo e recusa em desistir”, como bem falou o campeão olímpico John Naber.

Por isso, dedico este trabalho a todos que me ajudaram ao longo deste árduo caminho.

## AGRADECIMENTOS

“A emoção da vitória é incompleta se não for compartilhada com quem amamos.”  
(Phil Cousineau)

Como toda jornalista que sonhou em ser escritora, sempre quis imitar autores famosos e escrever agradecimentos. Esta página fica, então, reservada para minhas homenagens àqueles que tiveram papel decisivo na conclusão deste trabalho.

Primeiramente, agradeço aos meus co-orientadores pela paciência, disponibilidade e entusiasmo. Suas revisões detalhadas e conselhos foram fundamentais para que eu mantivesse a calma para concluir esta versão final. Em seguida, agradeço à professora Cristiane Costa por, tão gentilmente, ter comprado a ideia do projeto já iniciado. À Ana Clara Toledo pela simpatia e boa vontade em todas as revisões de formatação.

Às amigas Maria Clara Modesto, pelas trocas constantes de material e experiências durante a pesquisa, e Priscila Giuliani, pelo constante incentivo. Ao companheiro de trabalho Fernando Hawad, pelos constantes ensinamentos sobre a história olímpica. Aos meus companheiros do time de vôlei da ECO-UFRJ que, sem saber, me ajudavam a suportar as longas semanas de estudo com os treinos divertidos aos finais de semana. E, além disso, muitas vezes contribuíram diretamente no contato com os meus co-orientadores.

Também preciso dizer obrigada aos meus pais, familiares e amigos que entenderam minha pequena ausência nos últimos meses. Por fim, um agradecimento especialmente a meu pai, por sempre me incentivar a gostar de esportes, embora eu tenha relutado de início em concordar.



## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os Jogos Olímpicos ganharam um significado especial para o Brasil, que vai receber em 2016 a primeira edição sul-americana do evento. Por isso, é natural que a competição esteja mais presente, tanto nos meios de comunicação, quanto no meio acadêmico e até como assunto casual em conversas de bar.

A expectativa é que, diante da proximidade de uma competição esportiva plural, modalidades antes ignoradas passem, aos poucos, a ganhar espaço nas mídias tradicionais. Grandes expoentes, conquistas inéditas, medalhas, são alguns dos caminhos que podem levar um esporte a ser destaque na imprensa. A questão, porém, é: como se dá esse percurso? O que é preciso para uma modalidade conquistar destaque no jornalismo diário? Atletas diferenciados são capazes de atrair a atenção da imprensa ou é preciso conseguir um lugar num pódio?

Levantamentos como este se tornam importantes porque destrincham o papel dos meios de comunicação enquanto construtores do imaginário social coletivo. Este é um tópico relevante, já que grande parte da população acompanha as notícias esportivas. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia do ano passado, 25% dos leitores de jornal impresso citam a editoria esportiva como a preferida. Já os espectadores de TV colocam o programa *Globo Esporte* como o quinto telejornal mais assistido do país, com audiência de mais da metade dos brasileiros (51%).

A partir deste panorama, justifica-se a importância atual da pesquisa no jornalismo esportivo, um campo que está em crescimento no país, principalmente pelos preparativos para os Jogos Olímpicos do Rio, em 2016, e pela realização da Copa do Mundo, entre junho e julho deste ano.

A hipótese com a qual trabalhamos é de que os esportes olímpicos só recebem atenção dos meios de comunicação, em especial televisão e jornal impresso, quando alcançam resultados expressivos. Em uma comparação rápida com o futebol, vemos que o espaço dedicado em jornais não é semelhante e, dessa forma, gostaríamos de analisar os motivos.

Apontamos que grandes ídolos podem ser uma das formas de uma modalidade ganhar repercussão. Até porque o Brasil é um país carente de lideranças fortes e exemplos de conduta, e a maioria dos ídolos nacionais advém do esporte, como destaca Ronaldo Helal.

Para facilitar a leitura, este trabalho é dividido em seis capítulos, sendo que os três centrais abordam as temáticas principais entorno do esporte, dos Jogos Olímpicos e do herói, além de contemplar um estudo de caso.

Na primeira parte, traçamos um breve panorama histórico sobre os Jogos Olímpicos, desde seu surgimento incorporado a ritos religiosos na Grécia Antiga, até a recriação na Era Moderna, momento de espetáculo e lucro. O evento como é conhecido hoje passou por diversas fases ao longo dos últimos séculos e precisou provar seu valor antes de se estabelecer como uma das maiores competições esportivas do mundo.

Também é relevante destrinchar a presença de representantes brasileiros em edições do evento, que começou ainda no século passado, mais precisamente no ano de 1920. Desde então, já foram 21 participações, que resultaram em 108 medalhas em 14 modalidades diferentes. Com os resultados, veio também o reconhecimento da imprensa e o conseqüente início da cobertura jornalística desses esportes pelos periódicos nacionais.

No terceiro capítulo, é feita uma revisão bibliográfica sobre a questão dos heróis olímpicos, que são aqueles que “conseguiram imprimir seu nome nos anais do esporte nacional, e internacional, após ganhar uma medalha olímpica” (RUBIO, 2004, p.17). A partir da perspectiva de que os atletas com resultados têm a capacidade de atrair mídia, a pesquisa traça o perfil dos heróis olímpicos. Em muitos casos, esses esportistas têm histórias de vida que se aproximam das narrativas de heróis clássicos da mitologia, com momentos de superação de dificuldades, provação de força e glória ao final.

É um perfil diferente, por exemplo, do adotado pelos meios de comunicação para retratar os ídolos do futebol. Nestes casos, os jogadores têm “ressaltadas características ligadas à genialidade e ao talento nato, sem a valorização do esforço e do treinamento, ou seja, essencializações típicas do herói-malandro nacional” (AMARO, 2014, p. 15).

Após esta reflexão sobre os temas abordados nos capítulos 2 e 3, a pesquisa focou em um estudo de caso para descobrir como é feita a cobertura midiática dos esportes olímpicos. Decidimos acompanhar a trajetória de um atleta brasileiro durante a última edição dos Jogos Olímpicos, realizada em Londres, entre julho e agosto de 2012.

Além de ser a Olimpíada mais recente, a escolha por Londres também se deu por uma motivação pessoal. Foi a primeira Olimpíada que acompanhei em detalhes e minha primeira cobertura jornalística de um grande evento esportivo. Embora não estivesse presente nos locais de competição, assisti dezenas de provas e jogos ao vivo pela televisão.

Em seguida, escrevi notícias sobre o desempenho dos representantes brasileiros para o portal Memória Olímpica (atual Esporte Essencial).

Já a escolha do atleta teve como critério a sua trajetória pessoal. Arthur Zanetti, da ginástica artística, alcançou um resultado inédito para o país, uma medalha de ouro, surpreendendo a mídia esportiva, que até então não dava destaque a ele.

Antes do estudo propriamente dito, faz-se necessária uma pequena contextualização. Destacamos os principais acontecimentos dos Jogos Olímpicos de Londres, grandiosos em número de atletas, jornalistas e até mesmo recordes.

A história da ginástica artística também é contada de forma breve, lembrando representantes famosos de várias nacionalidades e seus feitos em edições dos Jogos Olímpicos. Os brasileiros não ficam de fora deste resumo e aparecem com seus principais expoentes até então, Daiane dos Santos, no feminino, e Diego Hypólito, no masculino.

Em seguida, partimos para o tópico do estudo de caso. A metodologia adotada foi uma análise qualitativa e quantitativa do material coletado no jornal impresso *O Globo*, o terceiro periódico de maior circulação no Brasil em 2012, com distribuição de 265.940 exemplares diários, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC).

Para uma visão mais ampliada, selecionamos todas as matérias cujo tema central fosse ginástica artística, a modalidade do atleta em questão. Em seguida, foi realizada uma contagem e separação dos textos por temáticas e tamanhos.

O principal objetivo da metodologia escolhida é avaliar a imagem construída pela mídia do atleta Arthur Zanetti e verificar se ele foi caracterizado como um herói clássico, passando pelas fases da saga heroica descritas por Joseph Campbell. Outra finalidade é mensurar se o resultado positivo na competição teve como consequência um espaço maior nas páginas do jornal.

Dessa forma, buscamos responder aos questionamentos propostos e descobrir alguns motivos que levam um atleta ou uma modalidade a pautar a imprensa. Diante do cenário descrito, este trabalho pretende contribuir para ampliar o campo de pesquisa sobre a temática dos Jogos Olímpicos.

## 2. OS JOGOS OLÍMPICOS

O esporte é uma das atividades humanas que mais se desenvolveu ao longo dos milênios. Os primeiros registros da sua prática datam de 2.700 a.C, quando os egípcios usavam a luta corpo-a-corpo e com espadas como exercícios militares. Outras civilizações, como chineses, gregos e persas também entraram para a história como pioneiros em algumas atividades físicas, a maioria delas relacionadas com as habilidades de guerra. Por outro lado, atividades corporais ligadas à religião, como espetáculos sagrados e ritos de iniciação ou fertilidade, também foram registrados nesse período “pré-histórico” do esporte (CODEA *et al*, 2002).

Os poemas épicos de Homero, *Iliada* e *Odisseia*, trazem os primeiros registros escritos da organização de jogos atléticos. Nesse período, as atividades físicas eram realizadas como homenagens aos deuses, especialmente em festas religiosas ligadas à fertilidade da terra e cultos fúnebres.

Foi na Grécia Antiga que o esporte passou a ocupar um lugar de destaque e importância na vida em sociedade. Em 776 a.C, os gregos realizaram pela primeira vez uma edição dos Jogos Olímpicos<sup>1</sup> em homenagem a Zeus, na cidade de Olímpia. O evento reuniu atletas das cidades-estado (além de homens que falavam grego) para disputar uma corrida. Mais tarde, foram incluídas novas competições de atletismo, luta, boxe, corrida de charrete e pentatlo (prova que reunia disco, dardo, salto, corrida e luta livre). Aos vencedores, uma coroa de louros, o título de herói e a chance de serem imortalizados em estátuas e canções.

Embora fossem os mais populares, os Jogos Olímpicos não eram o único evento esportivo no cotidiano dos gregos, que costumavam organizar jogos em comemoração a outros deuses durante os chamados “festivais pan-helênicos”.

Aproximadamente 12 séculos depois, com a Grécia sob o domínio romano cristão, os Jogos Olímpicos, assim como todas as manifestações pagãs, foram proibidos.

A ideia de um evento esportivo que reunisse diversos povos e promovesse a paz só resurgiu muitos anos depois, no século XIX. Em 1894, o educador francês Charles Pierre Frédy, conhecido como Barão de Coubertin, organizou e financiou o primeiro Congresso

---

<sup>1</sup> Esse histórico dos Jogos Olímpicos foi elaborado a partir de informações extraídas dos seguintes autores RUBIO, FREITAS & BARRETO, MELO, FERNÁNDEZ PENÁ, COUSINEAU, além do site Esporte Essencial.

Olímpico Internacional, que congregou importantes figuras da época na Sorbonne, tradicional universidade de Paris.

Esta primeira reunião informal criou e nomeou os membros do Comitê Olímpico Internacional (COI), reformulou as Olimpíadas da Antiguidade e definiu a primeira sede dos Jogos da Era Moderna. O plano inicial do idealizador Coubertin era que o evento inaugural acontecesse em Paris em 1900, como parte das comemorações da virada do século. Apesar disso, ficou decidido que os Jogos Olímpicos voltariam ao seu berço em Atenas, na Grécia, já em 1894. A partir daí, tal como na Antiguidade, os Jogos seriam disputados a cada quatro anos.

Embora a ideia de criar uma competição global tenha sido bem recebida, ainda seriam necessários anos para que os Jogos Olímpicos se estabelecessem como o maior evento esportivo do mundo. Segundo a pesquisadora Katia Rubio (2010), o evento passou por quatro momentos distintos desde a sua criação. São eles: fase de estabelecimento, fase de afirmação, fase de conflito e fase profissional.

A fase de estabelecimento, que vai dos Jogos de Atenas-1896 a Estocolmo-1912, é um momento de dúvida. Muitos viam o evento como uma “aventura de nobres excêntricos e aristocratas” (RUBIO, 2010, p.58), que, além disso, tinha pouca visibilidade por ficar à sombra de grandes exposições ou feiras internacionais. Nos Jogos de 1900, por exemplo, as provas olímpicas estavam contidas na programação da Feira Mundial de Paris e receberam o nome de “Concurso Internacional de Exercícios Físicos e Esportes” (FREITAS & BARRETO, 2012, p. 49).

Apesar disso, foi em 1912 que os Jogos Olímpicos atingiram a sua missão de unir as nações do mundo inteiro em um evento em prol do esporte. Neste ano, pela primeira vez, atletas dos cinco continentes participaram das competições.

Já na fase de afirmação, que vai Jogos de Antuérpia-1920 a Berlim-1936, alguns rituais foram instituídos, trazendo maior credibilidade ao evento. A bandeira olímpica com os cinco aros coloridos foi hasteada pela primeira vez em uma cerimônia de abertura. Também foram criados o hino olímpico e o juramento de atletas e árbitros. Neste período, os organizadores das cidades-sedes passaram a dedicar mais tempo e recursos para realizar as competições, percebendo que a Olimpíada poderia ser utilizada como instrumento de propaganda política.

A fase de conflito, por sua vez, coincide com o período da Guerra Fria e vai de Londres-1948 a Los Angeles-1984. Apesar de ter sido criada por Coubertin como um

evento apolítico, a Olimpíada começou a ser manipulada “como mais uma forma de demonstração de poder político e força social” (RUBIO, 2010, p.62). Foi a partir daí que as medalhas de cada atleta passaram a ser contabilizadas para o seu país de origem, reforçando a ideia de nacionalismo e propiciando rivalidade entre os países.

As duas últimas edições dessa fase foram marcadas por grandes boicotes. Em Moscou-1980, os Jogos chegavam pela primeira vez a um país socialista. Por conta disso, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Japão e outros 60 países optaram por se retirar da competição. Quatro anos depois, em Los Angeles-1984, a União Soviética e outras 15 nações não participaram das disputas, alegando falta de segurança para seus atletas.

Com a aproximação do fim do conflito da Guerra Fria, que dividiu o mundo entre os blocos capitalistas e socialistas, o cenário político começou a se tornar mais tranquilo. Assim, os Jogos de Seul-1988 marcaram o início da fase profissional do que já se consolidava como o megaevento que conhecemos hoje em dia. Até então, para disputar uma Olimpíada, o atleta precisava ser amador, ou seja, não poderia receber para competir. O início das transmissões televisivas mundiais, que começou em 1948, tornou os Jogos mais comerciais, com empresas dispostas a patrocinar atletas. Isso levou à abertura para a profissionalização, como já acontecia em diversos esportes, como o futebol e o basquete (principalmente nos Estados Unidos, com a Associação Nacional de Basquete - NBA).

Apesar de incertezas e conflitos ao longo dos séculos, os Jogos Olímpicos conseguiram se estabelecer como a competição esportiva de maior visibilidade mundial e que só faz crescer a cada nova edição.

Ao COI, cabe a missão de escolher as cidades-sedes e promover os Jogos Olímpicos a cada quatro anos. Ao todo, já foram realizadas 28 edições de verão<sup>2</sup>, sendo a última em 2012, em Londres, na Inglaterra.

Ao longo dos anos, o evento foi sofrendo alterações – com a inclusão das provas femininas e a abertura ao profissionalismo, por exemplo – e muitas modalidades já foram incluídas e retiradas do programa olímpico. A cada edição o COI pode fazer alterações nos eventos disputados. Por exemplo, o cabo de guerra foi disputado nas Olimpíadas entre 1900 e 1920, associado ao atletismo.

Atualmente, o programa olímpico de verão conta com 33 esportes. São eles: atletismo, badminton, basquete, boxe, canoagem, ciclismo, esgrima, futebol, ginástica,

---

<sup>2</sup> A partir de 1924, o COI passou a organizar um evento reservado aos esportes praticados no gelo e na neve, os Jogos Olímpicos de Inverno. Atualmente, acontece de quatro em quatro anos, sempre dois anos após a edição de verão.

golfe, handebol, hipismo, hóquei sobre grama, judô, levantamento de peso, lutas, natação, nado sincronizado, pentatlo moderno, polo aquático, remo, rúgbi, saltos ornamentais, taekwondo, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo, vela, vôlei e vôlei de praia.

## 2.1 O significado dos Jogos Olímpicos

Ao longo da sua longa história, os Jogos Olímpicos passaram por diversas transformações. A importância do evento na Grécia Antiga não é a mesma dos dias de hoje, nem seu significado.

Para os gregos, os Jogos eram uma forma de louvar o mais poderoso deus: Zeus. O cunho religioso estava muito presente, o que deu origem a alguns rituais, como o uso do fogo para simbolizar a abertura das competições. Na Grécia, o fogo era um elemento sagrado e, por isso, permanecia aceso em frente aos templos. Sua importância vem da mitologia: filho de um titã, Prometeu<sup>3</sup> roubou o fogo dos deuses e o entregou aos homens, que assim puderam se diferenciar dos animais.

Além desse lado religioso, os Jogos Olímpicos tinham importância política para os gregos, principalmente por promover a paz entre cidades em guerra e fomentar a criação de um sentimento de nacionalidade. Outros motivos são apresentados:

Mais do que apenas uma festividade, os Jogos Olímpicos tinham uma enorme importância política, por vários fatores. Primeiro, porque o período dos Jogos representava um momento de trégua nas constantes guerras entre as cidades-estado gregas, trégua esta que foi instituída pela cidade de Elis para evitar incursões inimigas durante o período dos Jogos, e cuja quebra significava punições várias para quem o fizesse. Era considerado um sacrilégio penetrar com armas na Élida. Segundo, porque era uma ocasião impar para os comandos das cidades-estado se reunirem e formarem alianças políticas e militares, comemorarem vitórias e discutissem questões políticas. Terceiro, porque existiam interesses em controlar os Jogos Olímpicos, especialmente pelas cidades de Elis e Pisa, distante apenas 5 quilômetros de Olímpia. Este controle dava vantagens econômicas, prestígio e enorme influência política à cidade que o controlava. E quarto, porque as Olimpíadas auxiliaram enormemente à formação de uma identidade nacional grega, especialmente após o início do período de dominação romana (CODEA *et al*, 2002, p. 697).

---

<sup>3</sup> Na mitologia grega, Prometeu é um semideus, filho do titã Jápeto, tido como o defensor da humanidade.

A partir da sua reinvenção na Era Moderna, os Jogos Olímpicos ganharam novos significados, deixando para trás o cunho religioso e aproximando-se da educação e da saúde. Segundo a Carta Olímpica<sup>4</sup>, “o objetivo do Movimento Olímpico é contribuir para a construção da paz e de um mundo melhor, educando a juventude através da prática de esportes em concordância com o Olimpismo<sup>5</sup> e seus valores”<sup>6</sup> (COI, 2013, p.15).

Um dos grandes diferenciais dos Jogos Olímpicos é exatamente ter como objetivo algo que vai além da disputa pura e simples por medalhas. Os Jogos não são apenas uma competição esportiva, mas envolvem valores, ideias e toda uma cultura. Esse embasamento teórico, juntamente com os rituais repetidos ao longo dos anos (como o juramento dos atletas, o acendimento da pira olímpica, o desfile das delegações unidas na cerimônia de abertura, etc.), atribui uma aura de tradição ao evento.

Não menos importante é o caráter global dos Jogos, que contribui para aumentar a sua credibilidade. Desde a reformulação, um das metas da competição era promover a paz e a união dos povos por meio do esporte. A partir dos Jogos de Estocolmo-1912, os cinco continentes passaram a ser representados. Os números atuais são ainda mais impressionantes. O COI já tem 204 Comitês Olímpicos Nacionais (NOC's, na sigla em inglês) associados. Para ter uma ideia de quanto este número é significativo, basta dizer que a Organização das Nações Unidas (ONU) tem hoje apenas 193 países-membros<sup>7</sup>.

Na última edição, em Londres-2012, cerca de 10.500 atletas desses 204 países participaram das provas<sup>8</sup>. Já para Rio-2016, estão previstos 10.903 atletas<sup>9</sup>.

Além de reunir um grande número de esportistas, o evento também se destaca pelo leque diverso de modalidades e provas em disputa. O programa atual, que será usado nos Jogos do Rio, conta com 42 modalidades, que vão distribuir 306 medalhas em provas diferentes.

---

<sup>4</sup> A Carta Olímpica é um documento que estabelece as bases do Movimento Olímpico e as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos. Redigida inicialmente pelo Barão de Coubertin em 1899, ao longo dos anos ganhou novas versões atualizadas por membros do Comitê Olímpico Internacional (COI).

<sup>5</sup> Olimpismo é uma filosofia de vida que combina esporte, educação e cultura para promover equilíbrio entre corpo, mente e vontade.

<sup>6</sup> Tradução da autora: “The goal of the Olympic Movement is to contribute to building a peaceful and better world by educating youth through sport practised in accordance with Olympism and its values”.

<sup>7</sup> Dados disponíveis em: <<http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/paises-membros>>. Acesso em 08 de nov. 2014.

<sup>8</sup> Dados do Comitê Organizador Londres 2012, disponíveis em: <<http://www.olympic.org/london-2012-summer-olympics>>. Acesso em 05 de out.

<sup>9</sup> Dados do Comitê Organizador Rio 2016, disponíveis em: <<http://www.rio2016.com.br>>. Acesso em 05 de out.



Nessa fase moderna, as competições também se tornaram mais democráticas. Se antes apenas homens livres nascidos na Grécia podiam competir – a presença feminina era proibida até mesmo na plateia –, agora as mulheres são bem-vindas. Apesar disso, o número total de mulheres nunca superou o de homens.

Também não existem grandes limitações ou proibições de participação nos Jogos, seja por questões religiosas, étnicas, geográficas ou físicas. Até mesmo pessoas com deficiência podem disputar as provas, desde que tenham conquistado sua classificação.

Um caso famoso recente foi o do corredor biamputado Oscar Pistorius, que chegou à semifinal dos 400 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Londres. Mas para ter a chance de correr entre atletas que têm pernas humanas, o sul-africano precisou provar que as suas próteses não constituíam uma vantagem. Alguns especialistas<sup>10</sup> alegavam que o equipamento fazia com que ele corresse mais, esforçando-se menos. Pistorius, então, submeteu-se a uma série de testes físicos, provou que a teoria estava equivocada e tornou-se o primeiro amputado a competir no atletismo em uma edição olímpica<sup>11</sup>.

Outro ponto de destaque é o fato dos Jogos acontecerem apenas de quatro em quatro anos, reunindo a elite mundial esportiva. A expectativa gera maior interesse no evento e amplifica o prestígio dos medalhistas, que passam a ser vistos como os melhores do mundo naquela prova pelos próximos anos.

Para finalizar, a Olimpíada é uma competição diferenciada porque preza pelo legado que vai deixar ao país que a recebe. Existem diversos tipos de legados, como o cultural, o social, o político e o estrutural. Alguns exemplos são melhorias no transporte público, equipamentos esportivos abertos à população geral, valorização imobiliária da região, entre outros.

Quando se fala em legado, são logo citados os Jogos de Barcelona-1992, o maior caso de sucesso até hoje. Nesta edição espanhola, os organizadores e governantes utilizaram a proximidade da competição para fazer uma grande reestruturação da cidade, desfogando o trânsito no centro e revitalizando áreas degradadas. “A partir dos Jogos, Barcelona se tornou um dos principais polos turísticos europeus e a identidade do povo

---

<sup>10</sup> Sobre essa discussão, ver: < <http://esporte.uol.com.br/atletismo/ultimas-noticias/2011/08/15/cientista-diz-que-oscar-pistorius-leva-vantagem-sobre-outros-corredores-pelo-uso-de-protese.htm>>. Acesso em: 08 out. 2014.

<sup>11</sup> Mais sobre o atleta em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI312694-17770,00-OSCAR+PISTORIUS+O+PRIMEIRO+CORREDOR+SEM+PERNAS+A+PARTICIPAR+DE+UMA+OLIMPIADA.html>>. Acesso em 08 out. 2014.

catalão foi promovida, assim como o bem-estar de, ao menos, determinados grupos” (LO BIANCO, 2010, p. 57-58).

O legado político é resultado da inclusão, com destaque, do país-sede no cenário internacional. Os Jogos Olímpicos são uma oportunidade única de entrar para o seleto grupo das nações e cidades mais importantes do mundo. Isso incrementa não só o poder político, como também a força de atração turística, como aconteceu com a cidade espanhola de Barcelona. O evento é visto como “uma chance para os anfitriões melhorarem suas condições econômicas, a infraestrutura e se promoverem em um nível global” (CURI, 2013, s/p).

Para o antropólogo Martin Curi, megaeventos como Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos são de uma importância política primordial nos dias de hoje. “Ao que parece, países que pretendem se afirmar internacionalmente precisam sediar um megaevento esportivo” (CURI, 2013, s/p).

Por esses motivos, o Brasil, que nos últimos anos vem fazendo um esforço para se destacar como potência econômica e política mundial, considerou fundamental receber pela primeira vez uma edição dos Jogos Olímpicos, assim como a sua segunda Copa do Mundo, que desde 1950 não vinha ao país.

A candidatura do Rio de Janeiro, portanto, foi resultado de uma visão estratégica dos responsáveis pela política externa brasileira:

Trazer os Jogos Olímpicos pela primeira vez para a América do Sul, a segunda na América Latina, a terceira no hemisfério sul representa a confirmação da condição de potência regional e a afirmação de uma disposição de chamar a atenção mundial para um país que busca alterar seu lugar na geopolítica internacional (RUBIO, 2012, p. 20).

Existiam ainda pretensões de retorno direto no cenário internacional:

Em nível federal há esperanças que não só o Rio de Janeiro, mas o Brasil inteiro tenha benefícios com o Pan-Americano de 2007, a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016, que iriam além de melhorias econômicas. Esperam-se ganhos políticos e até uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, uma vaga de altíssimo prestígio e representada como quase impossível de se alcançar. O uso do esporte como ferramenta política está se tornando comum (CURI, 2013, s/p).

Ou seja, os Jogos Olímpicos são uma forma de o país mostrar ao mundo que tem capacidade de organização e gestão, além de estabilidade econômica. Por isso, pode figurar entre os países responsáveis por tomadas de decisão que afetam o mundo inteiro.

## **2.2 O Brasil nos Jogos Olímpicos**

Ao longo da história olímpica, o Brasil participou de 21 edições e acumulou um total de 108 medalhas em 14 esportes diferentes. Sua estreia aconteceu nos Jogos da Antuérpia, em 1920, quando o evento já começava a adquirir importância mundial.

As primeiras delegações brasileiras foram enviadas de maneira improvisada, sem apoio e financiamento necessários. O Comitê Olímpico do Brasil (COB) ainda não estava estruturado, então muitos atletas custearam as viagens do próprio bolso ou contaram com a ajuda de patrocinadores.

Na estreia, em 1920, a escolha dos atletas e a viagem para a Europa foi organizada em uma correria que durou menos de dez dias. Com isso, a equipe de tiro precisou dormir no restaurante do navio, desembarcar em Lisboa, tomar um trem para não perder o início dos Jogos e ainda teve munições e alvos roubados. Mesmo assim, voltou para casa com três medalhas: o ouro de Guilherme Paraense no revólver, a prata de Afrânio da Costa na pistola e o bronze por equipes na pistola. Apesar do início promissor, o Brasil nunca mais repetiu o feito no tiro esportivo, ficando longe do pódio nas edições seguintes em que levou representantes.

A falta de planejamento seguiu afetando as delegações brasileiras. Nos Jogos de Los Angeles-1932, por exemplo, os atletas foram obrigados a custear suas passagens de navio vendendo sacas de café e pagar a taxa cobrada para o desembarque no porto de San Pedro. Sem dinheiro, mais da metade da equipe não pôde seguir viagem (FREITAS & BARRETO, 2012). Entre os que conseguiram, estava a primeira mulher sul-americana a participar de uma edição olímpica, a nadadora Maria Lenk, de 17 anos.

Por conta da estrutura precária, o Brasil só voltou a conquistar medalhas em 1948, nos Jogos de Londres, coincidentemente na primeira vez em que a delegação viajou de avião para o evento. Nesse momento, o movimento olímpico já tinha bases fortes no Brasil e as delegações passaram a ser mais bem organizadas, com apoio do COB e financiamento do governo federal. Por conta disso, os representantes nacionais alcançaram o pódio em quase todas as edições seguintes.

O maior destaque nacional é o judô, esporte em que o país mais conquistou medalhas ao longo da sua participação nos Jogos: 19 ao todo. A primeira veio em Munique-1972, um bronze do meio-pesado Chiaki Ishii. Mas foi a partir de 1984 que o Brasil não saiu mais do pódio. Nas Olimpíadas de Londres-2012, o judô fez a sua melhor campanha olímpica, conquistando um número recorde de medalhas em uma mesma edição: quatro no total, sendo uma de ouro – a primeira conquistada por uma mulher, Sarah Menezes – e três de bronze.

Outro esporte bem-sucedido nos Jogos é a vela, o segundo no *ranking* de medalhas brasileiras. No total foram 17: seis ouros, três pratas e oito bronzes. A primeira veio nos Jogos da Cidade do México-1968, com a dupla Reinaldo Conrad e Burkhard Cordes, na classe *flying dutchman*. Esses pioneiros abriram as portas para os maiores medalhistas do Brasil em Jogos Olímpicos, com cinco pódios cada: Torben Grael, com dois ouros, uma prata e dois bronzes; e Robert Scheidt, com dois ouros, duas pratas e um bronze.

Modalidade mais representativa dos Jogos Olímpicos, o atletismo é o terceiro esporte que mais rendeu conquistas ao Brasil, 14 ao todo. A história começou em Helsinque-1952, onde surgiu um dos maiores ídolos do esporte nacional e o único bicampeão olímpico do atletismo: Adhemar Ferreira da Silva, do salto triplo. Ao longo dos anos, os brasileiros ainda conquistaram dois ouros: nos 800m com Joaquim Cruz (Los Angeles-1984) e no salto em distância com Maurren Maggi (Pequim-2008).

Outros atletas também entraram para a história mesmo sem chegar ao topo. É o caso de Nelson Prudêncio, que protagonizou uma das finais mais disputadas do salto triplo, em que o recorde mundial foi quebrado nove vezes, mas terminou com a prata. Já o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima ficou marcado na memória dos espectadores por seu espírito olímpico. O brasileiro liderava a prova nos últimos quilômetros quando foi atacado pelo padre irlandês Cornelius Horan, que tinha o costume de invadir eventos esportivos<sup>12</sup>. Acabou ficando com o bronze e a medalha Pierre de Coubertin, outorgada a heróis olímpicos.

A natação aparece em seguida com um total de 13 medalhas conquistadas entre Helsinque-1952 e Londres-2012. Embora o país só tenha uma medalha de ouro – com Cielo nos 50m livres em Pequim-2008 –, alguns dos grandes ídolos do esporte nacional

---

<sup>12</sup> Sobre esse episódio, ver: < <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2004/08/29/ult2247u452.jhtm> >. Acesso em: 08 out. 2014.

vieram das piscinas, como Gustavo Borges, Fernando “Xuxa” Scherer, e o próprio campeão Cielo.

Apontado como o segundo esporte no gosto do público brasileiro, o vôlei também é responsável por muitas conquistas olímpicas, tanto na quadra quanto na areia. A tradição começou com a chamada “geração de prata” do vôlei masculino, que terminou em segundo lugar nos Jogos de Los Angeles-1984. Oito anos depois, os homens conquistariam o primeiro ouro na modalidade e em esportes coletivos, nos Jogos de Barcelona. Atualmente, a equipe feminina é bicampeã olímpica (Pequim-2008 e Londres-2012).

Desde que a versão de praia estreou no programa, em Atlanta-1996, o Brasil marca presença no pódio. Hoje o número já chega a 11 medalhas, com destaque para os ouros de Jacqueline Silva e Sandra Pires (Atlanta-1996) e Emanuel Rego e Ricardo Santos (Atenas-2004).

A paixão nacional também coleciona medalhas olímpicas. São sete pódios no futebol, sendo cinco no masculino (três pratas e dois bronzes) e duas no feminino (ambas de prata). Apesar do pentacampeonato em Copas do Mundo, a equipe canarinho nunca conseguiu ser campeã olímpica.

Outro esporte coletivo em que os brasileiros conseguiram destaque foi o basquete. A seleção masculina garantiu três bronzes, sendo dois deles com a base do grupo que foi campeão mundial em 1959. Já as mulheres colecionam uma prata, com a geração de Hortência e Magic Paula, e um bronze.

O boxe é responsável por mais quatro medalhas. Nos Jogos da Cidade do México, em 1968, o peso-mosca Servílio de Oliveira conquistou o que seria a única medalha do país na modalidade pelos próximos 44 anos. O jejum só foi quebrado em Londres-2012, com a prata de Esquiva Falcão e o bronze de seu irmão, Yamaguchi. Também foi nesta edição que a modalidade feminina entrou no programa, já com brasileira no pódio: Adriana Araújo garantiu o bronze.

No hipismo, o Brasil coleciona duas medalhas de bronze e uma de ouro, todas com a participação do cavaleiro Rodrigo Pessoa.

Outras três modalidades conquistaram uma medalha cada uma: a ginástica artística tem o ouro de Arthur Zanetti nas argolas; o taekwondo garantiu um bronze com Natália Falavigna na categoria acima de 67 kg; e o pentatlo moderno tem o bronze de Yane Marques.

### **2.3 A cobertura jornalística de esportes olímpicos**

Demorou certo tempo até a imprensa dedicar espaço em suas páginas para a cobertura de esportes. No primeiro momento, no século XVIII na Europa, os jornais impressos não noticiavam competições esportivas por se dedicarem a debates políticos e literários, além de veicular informes de acontecimentos tidos como “sérios”. Na conjuntura da época, “o entretenimento era considerado de menor valor pela elite econômica e cultural e [...] foi impedido de ser impresso nos jornais, por fazer parte apenas da vida privada” (SOARES & BARTHOLO, 2007, p. 22).

A introdução de temáticas “mais leves”, como os esportes e os romances, só começou quando os veículos passaram a cobrar por anúncios e lucrar com as vendas de exemplares. A partir daí, ficou claro que os jornais precisavam atrair um público maior, e as notícias de entretenimento chamavam a atenção dos leitores. Foi a partir deste momento que o esporte tornou-se “cultura de massa com espectadores em massa” (SOARES & BARTHOLO, 2007, p. 22).

Com espaço assegurado em grandes jornais por todo o mundo, os esportes foram se desenvolvendo, angariando cada vez mais admiradores e, conseqüentemente, leitores. Coubertin chegou a destacar que a mídia teve um papel fundamental no apoio para o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos, durante o primeiro congresso na Sorbonne (FERNANDEZ PEÑA, 2014).

Mas apesar do suporte à criação do evento e do público interessado, os jornais levaram anos até darem destaque à força e à importância de um torneio como os Jogos Olímpicos. A primeira grande cobertura jornalística das competições, com profissionais nos locais de prova, só aconteceu 28 anos depois da primeira edição, em Paris-1924 (FREITAS & BARRETO, 2012), quando o evento já adentrava sua fase de afirmação. Foram enviados cerca de mil jornalistas para a cidade francesa, principalmente de veículos impressos. Houve também transmissão de notícias pelo rádio em países da Europa. Anteriormente, os acontecimentos olímpicos já eram registrados em jornais do mundo todo, porém, as informações vinham basicamente de agências de notícias.

Foi nesse momento que se iniciou uma forte relação entre os meios de comunicação e os Jogos Olímpicos, que culminou com a entrada das emissoras de TV na transmissão oficial, em 1936. Os Jogos de Berlim foram os primeiros a serem transmitidos pela TV para auditórios em cidades alemãs, onde os espectadores pagaram ingresso para entrar,

como em uma seção de cinema. Nesta edição, também foi produzido um filme, *Olympia*<sup>13</sup>, da cineasta Leni Riefenstahl.

Mais tarde, na edição de Roma-1960, foram utilizados os recursos de *videotape*, possibilitando a gravação. Com isso, surgia o hoje já clássico *replay*, momento em que gravação é reprisada. Foi a partir daí que as provas passaram a ter transmissão ao vivo internacional. Quatro anos depois, em Tóquio, as imagens chegam em cores e é introduzido o *replay* em câmera lenta, facilitando a interpretação de provas de velocidade.

Avançando um pouco mais, Pequim-2008 foi a edição da TV em HD, com alta qualidade de imagens, aproximando ainda mais os espectadores dos acontecimentos distantes. Já os Jogos mais recentes, disputados em Londres, tiveram a primeira transmissão em 3D e grande repercussão nas redes sociais.

Se hoje os Jogos são um enorme fenômeno global, é graças à sua capacidade de mídia para criar realidades mundiais (FERNANDEZ PEÑA, 2014). Além disso, as emissoras de televisão também são as maiores financiadoras do evento, pagando somas milionárias pelo direito de transmitir as provas. Inclusive, foram elas as responsáveis por transformar um evento local, que acontece em uma única cidade, em global, transmitindo via satélite as imagens para o mundo inteiro, a partir de 1996. Assim, a TV constrói a realidade do evento para o público que não está no estádio, mas pode se sentir presente.

### **2.3.1 Entrada do esporte no jornal brasileiro**

O esporte começou a se estruturar no Brasil durante o século XIX, principalmente na capital federal, na época, o Rio de Janeiro. Nesse momento inicial, as competições eram encaradas como grandes ocasiões sociais envolvendo a elite carioca e alimentavam colunas de fofoca.

As primeiras manifestações esportivas organizadas no país foram touradas, cavalladas e turfe, que recebiam destaque nos jornais por serem comumente realizadas em datas festivas, como parte das comemorações (MELO, 2009a). Mais tarde, os periódicos passaram a ser palco de críticas às touradas, cujo público pagante começou a exigir mais

---

<sup>13</sup> *Olympia* foi o primeiro documentário cinematográfico feito sobre os Jogos Olímpicos e já utilizava técnicas muito modernas de filmagem. Apesar disso, foi considerado controverso por ter sido produzido no contexto político do nazismo na Alemanha.

estrutura e conforto. Até mesmo o célebre escritor Machado de Assis escreveu artigos e crônicas negativas.

No gosto do povo, as corridas de touros e cavalos acabaram ganhando espaço – embora pequeno, geralmente em forma de notas – nos noticiários de publicações importantes, como, por exemplo, a *Revista da Semana*, a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Diário Fluminense*, como revela o historiador Victor Andrade de Melo (2009a). Em 1896, foi lançado o primeiro jornal especializado em esportes, o *Sol e Sombra*, que tratava da arte das touradas.

O primeiro esporte a chegar ao Rio que usava o corpo e envolvia uma ampla preparação física dos praticantes foi o remo. Nesse momento de transformações, os cronistas abriam espaço em suas colunas para discutir as várias consequências da introdução de exercícios físicos no cotidiano, falando sobre questões como moral, saúde e vestuário.

Entre o final do século XIX e o início do XX, o Rio de Janeiro viveu a febre do remo, momento em que o esporte caiu no gosto do povo. Nesse período, a modalidade é encarada ao mesmo tempo como chique e popular, o que fez com que recebesse grande destaque na imprensa, com a cobertura das principais regatas. Assim, o remo é o primeiro esporte olímpico a conseguir espaço na imprensa brasileira.

Logo em seguida, novas modalidades que envolvem práticas corporais começaram a se desenvolver, como a natação, o atletismo (também chamado de “jogos atléticos ingleses”), o ciclismo e as lutas. Dentre esses, os que mais receberam espaço nos jornais foram os dois últimos (MELO, 2009b).

Visto como uma forma de identificação com o mundo europeu, o ciclismo ganhou destaque tanto na cobertura de competições, quanto em discussões sobre a participação feminina e dicas para a prática, envolvendo moda e comportamento. “Os jornais passaram a noticiar o assunto com maior frequência e chegaram mesmo a ser lançados dois periódicos: *O Ciclismo*, do Rio de Janeiro, e *A Bicicleta*, semanário ciclístico ilustrado, de São Paulo” (MELO, 2009b, p.78).

Já as lutas (grego-romana e boxe) entraram nas páginas dos jornais na segunda metade do século XX, em um primeiro momento, pela estranheza. Os lutadores apresentavam corpos bastante musculosos que destoavam do padrão de beleza da época. Por isso, em alguns momentos eram vistos com suspeita, em outros, com admiração. Em



geral, as lutas não recebiam cobertura jornalística, o foco era na figura do lutador ou no seu tipo físico.

É o caso, por exemplo, de uma reportagem da famosa revista *Fon Fon*, publicada em maio de 1910, sob o título “O muque feminino”. Trazia uma foto de lutadoras em trajes de competição e dissertava sobre o esporte, a participação das mulheres e o uniforme (MELO, 2009b).

O futebol, tido como o esporte-símbolo do Brasil, foi conquistando espaço timidamente. O jogo que marcou a história da modalidade no Rio de Janeiro aconteceu em 22 de setembro de 1901, entre brasileiros e britânicos sócios do Rio Cricket and Athletic Association, mas recebeu pouca atenção dos jornalistas. “Dos grandes jornais, apenas o *Correio da Manhã* abria um pequeno espaço em sua coluna ‘Sport’ para noticiar o evento” (PEREIRA *apud* FRANZINI, 2009, p.115).

Com o crescimento do número de praticantes e clubes e o aumento da popularidade, o futebol foi tema de crônicas, notícias e reportagens. Mais tarde, jornais e revistas instituíram editorias específicas para esportes, onde o futebol recebia quase sempre grande destaque, às vezes ainda disputando popularidade com o remo. Mário Filho e Nelson Rodrigues foram alguns dos cronistas que se tornaram célebres por conta de seus trabalhos sobre as peladas.

Assim, o futebol contribuiu para abrir espaço para os esportes na imprensa. À medida que outras modalidades foram se desenvolvendo e caindo no gosto do público, também passaram a pautar os veículos. Foi o que aconteceu com o vôlei, em meados da década de 70, quando o Brasil entrou para o seleto grupo das grandes potências da modalidade.

Contudo, essa abertura não significou uma igualdade dentro dos periódicos. A cobertura do futebol é o grande chamariz de toda editoria de esportes, cenário que permanece pouco alterado até hoje. Mesmo durante os Jogos Olímpicos, o futebol recebe destaque superior ao dado a outros esportes.

### 3. OS HERÓIS OLÍMPICOS

*“(...) os campeões olímpicos não são pessoas extraordinárias, são até pessoas bem comuns que conseguiram realizar coisas extraordinárias.” (John Naber, nadador, quatro vezes medalhista olímpico de ouro)*

Assim como os Jogos Olímpicos herdaram toda uma gama de simbolismos da mitologia grega, os atletas que participam das disputas também são frequentemente comparados a heróis clássicos, personagens descritos como filhos de deuses com mortais, ou seja, semidivinos.

Essa natureza mítica é fundamental para entendermos a sua importância. O mito é um sistema de pensamento que “tenta, de maneira mais ou menos coerente, explicar o mundo e o homem” (BRANDÃO *apud* RUBIO, 2001, p.86). É através do mito que entendemos as complexidades da vida.

O mito é uma narrativa, um discurso, uma fala, e por meio dele a sociedade exprime suas contradições, paradoxos e dúvidas. O mito pode ser utilizado de várias formas para representar ideias nos mais variados contextos, predominando sempre o seu significado. O registro do mito é o imaginário, e sua interpretação faz parte do jogo de possibilidade intelectual do mito. Como fala definida pela intenção na ficção, os homens utilizam o mito segundo suas necessidades sem manter com ele relações de verdade (PEREIRA, 2012, p.68).

Se os homens pretendem desvendar o mundo por meio de fábulas, os heróis aparecem nas narrativas antigas como uma tentativa de explicar a capacidade que alguns homens têm ou desenvolvem de superar grandes obstáculos.

Por essa inspiração em homens reais, as histórias são comuns em muitos países, como aponta Rubio: “Algumas formas de mito manifestam-se em diferentes culturas, em momentos históricos singulares satisfazendo a um mesmo anseio. Nenhum outro mito foi tão cultuado e se mantém por tanto tempo no imaginário como o do herói” (RUBIO, 2001, p.87). Assim, é possível perceber que o herói está presente no imaginário coletivo de milhares de pessoas. Consequentemente, sua aceitação tende a ser espontânea.

A mesma pesquisadora descreve o herói como um “realizador de feitos incomuns” (RUBIO, 2001, p.15). Por conta disso, a aproximação entre heróis e atletas pode ser feita com certa facilidade. Correr 100 metros em menos de 10 segundos ou levantar mais de 200 quilos não são façanhas que qualquer pessoa consegue executar. É preciso dedicação aos

treinamentos intensos e superação constante de obstáculos, que incluem dores físicas, como lesões, e até privação da vida social.

A figura do “semideus” é de construção complexa. Ao mesmo tempo em que eram comparados aos deuses, os heróis ainda apresentavam características humanas, como, por exemplo, a fraqueza. Esse lado mais “frágil” torna mais natural a identificação de pessoas reais, sejam leitores, ouvintes de contos, ou espectadores de provas esportivas. Para o pesquisador Umberto Eco, “estava em seu traço de humanidade o grande poder de atração do mito do herói” (ECO *apud* AMARO, 2014, p. 45).

Assim, ao longo das edições dos Jogos Olímpicos, diversos atletas foram rotulados como “heróis”. Isso acontece até hoje porque, em geral, esses esportistas alcançaram feitos grandiosos (bateram recordes, ganharam disputas acirradas, conquistaram o ouro, superaram dificuldades), honrando as suas nações. Para Rubio, são chamados de heróis olímpicos aqueles atletas que “conseguiram imprimir seu nome nos anais do esporte nacional, e internacional, após ganhar uma medalha olímpica” (RUBIO, 2004, p.17).

Nem sempre, porém, é preciso ganhar uma prova para entrar para a História. Como lembra Camila Augusta Pereira (2012), antes de estar associada a conquistas, a figura do herói remete a um guerreiro, um líder nato, um exemplo de comportamento diante das dificuldades. Ao longo das mais de 20 edições dos Jogos, alguns atletas foram reconhecidos por demonstrações de espírito esportivo e superação nas horas mais difíceis. Para eles, o COI reserva um prêmio especial, a medalha Pierre de Coubertin.

É o caso, por exemplo, do corredor britânico Derek Redmond. Cousineau (2004) conta que Redmond já chegou às Olimpíadas de Barcelona, em 1992, como o maior corredor do país, mas foi nesta competição que se consagrou diante do mundo inteiro. Durante as semifinais dos 400m rasos<sup>14</sup>, o britânico distendeu os músculos posteriores da coxa. A dor era tamanha que ele não conseguia encostar o pé direito no chão. Mesmo assim, levantou-se e tentou finalizar a prova pulando em uma perna só. Neste momento, seu pai, Jim Redmond, saltou das arquibancadas, driblou a segurança e correu até Derek para ajudá-lo a cumprir seu objetivo.

Esse momento é lembrado por muitos espectadores, embora poucos saibam quem acabou ficando com o ouro dos 400m naquele ano. O cineasta Bud Greenspan<sup>15</sup> recorda o

---

<sup>14</sup> Vídeo da prova disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t2G8KVzTfw>>. Acesso em 16 out. 2014.

<sup>15</sup> Bud Greenspan foi um diretor, escritor e produtor documentarista norte-americano. Ficou famoso por sua série de documentários dedicados aos Jogos Olímpicos de verão e inverno.

destaque recebido por Redmond: “Lá, no estádio olímpico de Barcelona aconteceu uma das cenas mais memoráveis da história das Olimpíadas: um filho sendo ajudado pelo pai a percorrer a pista até a linha de chegada. E, na derrota, conquistando tanta glória como se tivesse vencido” (GREENSPAN *apud* COUSINEUAU, 2004, p.227).

Um momento parecido já havia ocorrido anos antes, em Los Angeles-1984, quando Gabrielle Andersen-Scheiss foi quem alcançou a maior projeção. Durante a primeira maratona olímpica feminina<sup>16</sup>, a corredora suíça impressionou a torcida nos metros finais por seu “estado deplorável” (FREITAS & BARRETO, 2012, p. 123). Apesar da exaustão, Gabrielle recusou todas as ofertas de ajuda médica para cruzar, cambaleando, a linha de chegada em 37º lugar.

Entre os atletas brasileiros, o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima<sup>17</sup>, descrito por Armando Freitas e Marcelo Barreto como “o vencedor que saiu de Atenas sem o ouro” (2012, p.150), também foi agraciado com o título de herói. No episódio, Vanderlei liderava a maratona quando, no quilômetro 36 (o total é de 42,195 quilômetros), foi agarrado pelo ex-padre irlandês Cornelius Horan. O brasileiro só conseguiu voltar à prova por conta da intervenção de um torcedor grego, e acabou perdendo a vantagem de 40 segundos sobre o segundo colocado. Vanderlei não venceu a prova, mas ficou satisfeito com seu terceiro lugar e nunca reclamou da organização ou do COI.

### 3.1 A aventura do herói

Conquistas de medalhas e superação de obstáculos não são suficientes para fazer de um atleta comum, um herói. Ao longo da vida, o aspirante é impelido a ultrapassar limites e provações. Assim como Hércules (Héracles, para os gregos) precisou realizar 12 trabalhos colossais antes de se tornar o “herói dos heróis” (NOGUEIRA *et al*, 2012, p.117), o esportista também necessita provar que é digno do título.

Elemento da linguagem mítica, o herói deve enfrentar determinadas fases em sua aventura para que seja considerado como tal. O historiador de mitologia Joseph Campbell

---

<sup>16</sup> Vídeo da prova disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WGRGRuFTFQc>>. Acesso em 16 out. 2014.

<sup>17</sup> Vídeo da prova disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1iClz6fB4lo>>. Acesso em 16 out. 2014.

descreve essa saga em seu livro “Herói de Mil Faces”, citado por Amaro (2014), Cousineau (2004), Helal (2003), Pereira (2012) e Rubio (2001).

Contudo, para ser considerado herói, não é preciso que o atleta passe por todas as 17 fases épicas detalhadas por Campbell. Como destaca Amaro, “algumas delas sequer poderiam ser transpostas literalmente para o ‘mundo real’” (2014, p. 52). Podemos destacar, entretanto, algumas etapas principais.

A primeira fase é o *Nascimento Complicado*, em geral marcado por dramas familiares. Em seguida, a criança passa pela *Educação Iniciática*, onde são dados ensinamentos básicos para preparar o líder-guerreiro. Pouco depois, acontece o *Chamado à Aventura*, quando o herói é impelido a sair de casa ou de sua terra natal. Nesse período, o recebe o *Auxílio Sobrenatural*: forças protetoras atuam para que a missão seja cumprida. Essa assistência não é exatamente divina, pode ser “uma figura protetora benigna que fornece forças, conselhos, amuletos ao herói” (PEREIRA, 2012, p.71).

Aproximando-se do fim da sua saga, o herói enfrenta as *Provas Iniciáticas*, período em que pode também falhar diante dos obstáculos. Cumprida a missão, as fases *Retorno e Casamento* simbolizam a volta ao convívio social, até então renunciado, e a possibilidade de um encontro amoroso.

De maneira ainda mais simplificada, Katia Rubio descreve o percurso padrão do herói como um “ciclo separação-iniciação-retorno” (RUBIO, 2001, p. 172). Já Ronaldo Helal destaca que “a narrativa clássica em torno da figura do herói fala de luta, superação de obstáculos aparentemente intransponíveis e de redenção e glória de um povo” (HELAL, 1998, p. 146-147). E finaliza: “o herói tem que cumprir sua missão: conceder dádivas aos seus semelhantes” (HELAL, 1998, p. 146-147).

Ou seja, além de ser um representante de todo um povo e personificar suas boas qualidades, o herói ainda precisa deixar um legado para as futuras gerações. Ao retornar da aventura, deve assegurar que seus feitos trarão benefícios aos seus compatriotas ou companheiros de equipe.

Transportando essas fases para o mundo do alto rendimento, poderíamos dizer que a história do atleta começa com um nascimento difícil, seja por dramas familiares ou por falta de condições financeiras. Segue depois com a descoberta do esporte, como brincadeira ou até mesmo com uma perspectiva de melhoria de vida. Em seguida, é chamado para uma aventura, que pode ser uma competição fora do país, uma mudança de cidade para jogar por algum clube importante, uma convocação para a seleção brasileira,

etc. Nesse momento, o atleta abandona suas raízes e praticamente se priva do contato social, focando na sua preparação e participando de competições.

A consagração acontece no momento da conquista de uma medalha ou de um resultado expressivo na modalidade. Cumprida a missão, o atleta-herói pode voltar para casa, onde será celebrado pelos seus feitos. No caso de medalhistas olímpicos, em geral são recebidos em suas cidades natais com honras, passeiam em caminhões do Corpo de Bombeiros e são homenageados por políticos e figuras importantes.

Além disso, o retorno muitas vezes também significa uma abertura de portas para outros atletas ou, até mesmo, para futuras gerações. Se antes dos resultados a modalidade não era conhecida pelo público e não recebia investimentos, a tendência é que esse quadro seja revertido.

Essa saga mitológica já foi vivida por muitos atletas de diversas nacionalidades, entre eles o brasileiro Aurélio Miguel, que narrou sua vida para Katia Rubio, no livro “Heróis Olímpicos Brasileiros” (2004). Ainda bebê, Aurélio contraiu uma doença chamada broncopneumonia, uma inflamação do pulmão que gera diversas lesões no aparelho respiratório (*Nascimento Complicado*). Para superar o problema, os médicos recomendaram a prática de esportes, então ele entrou no judô aos quatro anos (*Educação Iniciática*). Começou a competir aos sete anos e, aos 18, foi convocado para o Campeonato Mundial Universitário, na Finlândia (*Chamado à Aventura*).

A partir dessa competição, Aurélio percebeu que poderia lutar em alto nível e passou a sonhar com uma participação em Jogos Olímpicos. Aos poucos, foi derrubando os obstáculos impostos: venceu o Pan-Americano adulto, em 1982; tornou-se campeão mundial júnior, em 1983; enfrentou a arbitrariedade da Confederação Brasileira de Judô; recuperou-se de uma cirurgia no ombro; conquistou o bronze no Mundial de 1987 e mais cinco medalhas no circuito europeu (*Provas Iniciáticas*).

Contudo, o auge da carreira veio nas Olimpíadas de Seul-1988, quando Aurélio alcançou o topo do pódio, entre os meio-pesados. O reconhecimento, porém, foi adiado. Na volta para casa, o campeão olímpico precisou continuar lutando contra os desmandos de dirigentes para sobreviver no esporte (*Retorno*). Em Barcelona-1992, foi escolhido como porta-bandeira da delegação, o que os representantes nacionais consideraram uma das maiores honras nos Jogos. Antes de deixar os tatames, o judoca ainda garantiu um bronze nos Jogos de Atlanta-1996 e uma prata no Mundial de 1997.

Vale destacar que Aurélio conquistou a primeira medalha de ouro da história do judô nacional, inspirando dezenas de atletas a repetir o feito. Se hoje o judô é um dos esportes que mais rende medalhas ao Brasil, é também por conta das lutas pessoais desse atleta. Medalhista de bronze em Atenas-2004, Flávio Canto é um dos judocas da geração seguinte que teve Aurélio Miguel como espelho<sup>18</sup>.

Mas o judô não é o único esporte que viu seus representantes se tornarem grandes ídolos. Após análise da cobertura jornalística dos Jogos Pan-Americanos do Rio, em 2007, os autores Helal, Cabo e Marques (2009) destacaram a história de vida do campeão no taekwondo Diogo Silva, que também foi elevado ao “cargo” de herói. Segundo os pesquisadores, os jornais noticiaram a medalha focando nas diversas provações que o atleta precisou enfrentar para chegar até aquele momento de glória. Foram citadas a “infância complicada” (Diogo nasceu na periferia de São Sebastião, São Paulo), a possibilidade de seguir o caminho do crime, as dificuldades financeiras, a falta de patrocínio e a determinação para vencer.

Negro e pobre, Diogo encontrou no taekwondo uma perspectiva de mudança de vida e virou símbolo para crianças de baixa renda. “Alguém que, com poucas perspectivas futuras, golpeou as barreiras e se tornou um medalhista pan-americano. Sua conquista traz consigo todo o passado difícil e foi atingida graças ao ‘empenho’” (HELAL *et al*, 2009, p. 36).

Diogo ainda foi além. Em 2009, conquistou a medalha de ouro na Universíada<sup>19</sup> e, dois anos depois, tornou-se o primeiro atleta do taekwondo nacional a vencer os Jogos Mundiais Militares, no Rio de Janeiro. Na Olimpíada de Londres-2012, chegou muito perto de garantir o bronze, mas sofreu um golpe no último segundo de luta.

Na trajetória de Diogo Silva, Helal, Cabo e Marques constataram uma prática do jornalismo esportivo no Brasil: enfatizar a saga heroica dos atletas para valorizar as conquistas. Em geral, os atletas de modalidades olímpicas recebem esse tipo de abordagem, o que não é comum em outros esportes, como o futebol, tênis ou o automobilismo, por exemplo.

Assim, é possível perceber que as histórias de vida de cada atleta podem ter suas particularidades, mas em geral apresentam os mesmos componentes. Helal cita uma

---

<sup>18</sup> Flávio Canto revelou esta informação na entrevista disponível em: <<http://www.esporteessencial.com.br/entrevista/flavio-canto-judo>>. Acesso em 17 out. 2014.

<sup>19</sup> A Universíada é um evento multidesportivo internacional, organizado para atletas universitários. O nome é uma combinação das palavras “Universidade” e “Olimpíada”.

passagem em que Campbell faz a esta afirmação: “é sempre com a mesma história – que muda de forma e não obstante é prodigiosamente constante – que nos deparamos” (CAMPBELL *apud* HELAL, 2003, p. 9).

### 3.2 Sua importância

A imprensa é um dos principais agentes da “construção” de heróis olímpicos. É muito comum que notícias ou reportagens envolvendo atletas destaquem, principalmente, os momentos de dificuldade da carreira. Segundo Helal, Cabo e Marques, “em boa parte das matérias se ressalta elementos como infância difícil, contusões e barreiras das mais diversas” (2009, p. 35).

Aprofundando a pesquisa, os autores afirmam que só é possível existir de fato um herói esportivo se ele comover de alguma forma os espectadores e tiver atenção dos meios de comunicação de massa. Isso quer dizer que passar pelas fases da saga épica (detalhadas no tópico anterior) não garante por si só reconhecimento.

Fica claro, portanto, que só existe herói se mídia e público o reconhecerem como tal. Se o esquecerem, com o tempo perderão a aura heroica. Ficarão perdidos num passado sempre distante, até serem lembrados nos próximos Jogos. Heróis de quatro em quatro anos (HELAL *et al*, 2009, p. 35).

Todavia, a relação entre mídia e heróis não é uma via de mão única. Ao mesmo tempo em que os atletas dependem dos jornalistas para ganhar (e manter) reconhecimento, a imprensa também precisa de figuras carismáticas para cativar sua audiência. Uma transmissão ao vivo ou uma cobertura escrita sobre os Jogos Olímpicos, por exemplo, ficaria pobre sem o lado humano dos atletas.

O público precisa de elementos que façam com que se identifique com aqueles super-homens e super-mulheres que vê na televisão durante as competições. Caso contrário, seria quase um evento ficcional para a audiência que não está presente nos locais de provas, muito distante da sua realidade.

Essa é uma perspectiva compartilhada por Ronaldo Helal:

[...] ídolos, figuras fundamentais na produção dos eventos de massa e que exercem um enorme fascínio na comunidade. De fato, um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de



“heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis (HELAL, 1998, p. 146).

O pesquisador aponta a importância de celebridades para o sucesso de grandes eventos, mas é conveniente fazer uma distinção entre personalidades do esporte e de outras áreas. Enquanto ídolos da música, da televisão ou artistas de cinema vivem para si e não têm nenhuma função fora de seus meios, o ídolo do esporte é incumbido de uma missão mais elevada. Para Helal (1998), os esportistas possuem características únicas de determinação, força (física, espiritual e mental) e luta que possibilita que sejam encarados como heróis nacionais, que têm como principal tarefa “redimir a sociedade”.

Ou seja, além de ter uma história de vida compatível com a trajetória padrão do herói, para que seja considerado como tal, o atleta ainda precisa preencher uma série de requisitos, como cumprir sua missão e atrair atenção do público e dos meios de comunicação.

### **3.3 Herói olímpico x Ídolo do futebol**

Paixão nacional, o futebol também é terreno fértil para o surgimento de heróis, em especial em momentos decisivos como Copas do Mundo. A grande diferença para os esportes olímpicos está nas características exaltadas desses ídolos e na forma com que alcançam suas vitórias.

Podemos dividir os heróis brasileiros em dois grupos distintos: o herói clássico ou universal e o herói nacional ou “macunaímico”. Este último foi assim chamado por Helal (2003) em referência ao personagem da literatura brasileira criado por Mário de Andrade em 1928, que retrata o “típico brasileiro”, um índio preguiçoso e malandro.

O tipo “Macunaíma” é um herói que possui talento nato e genialidade, por isso, não precisa de muito esforço ou empenho para superar obstáculos. Dessa maneira é retratada a maioria dos jogadores de futebol do país. Como o esporte praticado aqui na “pátria de chuteiras”<sup>20</sup> é considerado um “futebol-arte”, os brasileiros valorizam mais a ginga, a malandragem e a criatividade dos jogadores, em detrimento à preparação técnica.

---

<sup>20</sup> Esta é uma famosa expressão alcunhada por Nelson Rodrigues, um dos cronistas esportivos mais conhecidos do Brasil.

Esta, porém, não é a realidade dos esportes olímpicos. Em grande número dos casos, os atletas que participam dos Jogos, caso sejam elevados ao posto de heróis, são representados no mesmo padrão de narrativa épica. Isso quer dizer que suas histórias de vida são contadas com ênfase nos momentos de dificuldade, na superação e na dedicação intensa aos treinamentos. Portanto, a figura do herói clássico lhes cabe melhor, como foi possível observar ao longo deste capítulo.

Segundo Amaro, “a figura do malandro não é apreciada nos esportes ditos amadores, ao contrário do que vemos no futebol com Romário, Garrincha e os Ronaldos (Fenômeno e Gaúcho), por exemplo” (2014, p. 47-48). Vale explicar que os “esportes ditos amadores” citados são os esportes que fazem parte do programa dos Jogos Olímpicos ou Pan-Americanos, que antigamente não aceitavam a profissionalização.

Um dos ídolos nacionais que mais se enquadra no papel de herói macunaímico é o jogador de futebol Romário, muitas vezes aclamado por sua malandragem e irreverência.

Ronaldo Helal analisou a trajetória de Romário nos periódicos cariocas no período anterior à Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994, quando o Brasil conquistou o tetracampeonato. *O Globo*, por exemplo, fazia questão de frisar os atos de irresponsabilidade e indisciplina, ao mesmo tempo em que ressaltava os gols marcados pelo jogador. Excesso de confiança e individualismo são outras características da personalidade de Romário incomuns em heróis clássicos. Segundo Helal, “a ênfase frequentemente recaía na ‘mandragem’ unida à competência do atleta em fazer gols” (HELAL, 2003, p.10).

Os adjetivos utilizados pelo jornal para qualificar Romário, em setembro de 1993, deixam bem claro o seu perfil: “irresponsável”, “irreverente”, “irrequieto”, “egoísta”, “debochado”, “abusado”, “atrevido”, “explosivo”, “autoritário”, “radical”.

Essas características negativas, “de certa forma repudiadas pela sociedade”, como ressaltou Helal, dificilmente poderiam definir um herói clássico ou olímpico. Isso porque personagens desse gênero “expressam os mais elevados valores da espécie humana” (AMARO, 2012, p. 48).

Craque da seleção verde e amarela durante a Copa do Mundo de 2014, Neymar é um exemplo mais atual do “mandrangão” no futebol. E não foi durante a competição que ele ganhou essa fama. Matérias jornalísticas veiculadas no ano de 2011 destacam a “essência de brasilidade” do jogador do Santos (à época), definido como “moleque travesso” que aposta em “um futebol vistoso e alegre” (HELAL, *et al*, 2011). Os autores do estudo de

caso envolvendo Neymar recordam que a expressão “moleque travesso” também já foi utilizada pela imprensa para se referir a Romário.

Outra diferença primordial entre o herói universal e o nacional está no modo de alcançar os objetivos. Enquanto o universal abdica do convívio social para se dedicar aos treinamentos e busca sempre a perfeição e a excelência, o nacional não valoriza a técnica e aposta na criatividade. Romário, por exemplo, era conhecido pela “má vontade para treinar”.

Nos primórdios do futebol no Brasil, por volta da década de 20, quando o amadorismo era a lei, dedicação aos treinos era confundida com vadiagem. Naquela época, os jogadores que não pertenciam à elite, em geral eram operários e não podiam dedicar boa parte do seu tempo aos treinos. No clássico “O Negro no Futebol Brasileiro” (5ª edição), o jornalista Mário Filho revela que o único momento reservado ao treinamento era às quintas-feiras, quando as fábricas liberavam seus trabalhadores mais cedo com essa finalidade. Se por acaso um jogador fosse apanhado treinando no clube fora deste horário, era visto com maus olhos e, em alguns casos, podia até perder a permissão para jogar.

É possível que essa perspectiva de treino como sinônimo de vagabundagem tenha sido passada através de gerações, embora o profissionalismo já tenha invadido o campo do futebol há muitas décadas.

Em oposição, atletas olímpicos costumam fazer questão de destacar a dedicação intensa. Tetsuo Okamoto, o descendente de imigrantes japoneses que conquistou a primeira medalha da natação brasileira em Jogos na edição de 1952, conta que sua preparação incluía 10 km diários (RUBIO, 2004). Já Haile Gebrselaisse, o etíope bicampeão olímpico nos 10 mil metros, tinha o hábito de correr descalço 20 km para ir à escola (COUSINEAU, 2004).

Apresentados os exemplos, é fundamental advertir que essa divisão de tipos de herói é feita com base em generalizações. Apesar disso, sempre existem exceções. Assim como encontramos jogadores de futebol cuja história lembra a saga épica do herói universal, também é possível descobrir atletas olímpicos que se encaixam no estereótipo de malandro do herói nacional.

Ídolo do futebol na década de 80, Zico é um dos representantes da vitória através do esforço, da determinação e do trabalho. Em estudo sobre as biografias do jogador, Ronaldo Helal constata que “a narrativa da figura mítica de Zico é um emblema de um modelo que

une profissionalismo com paixão, determinação com prazer, esforço com alegria de praticar o futebol” (HELAL, 1999, p. 7).

O próprio Zico declara, no prefácio do livro “Zico Uma Lição de Vida”, a importância do treinamento: “Sempre entendi, desde menino, que ninguém será capaz de exercer bem a sua profissão sem se exercitar bastante [...] sem dúvida, muita luta, muito trabalho, muito suor existem no caminho da determinação de cada um” (ZICO *apud* HELAL, 2003, p. 4).

Em contrapartida, José Telles da Conceição, habilidoso em diversas provas do atletismo na década de 50, era respeitado por seu talento nato. Medalhista de bronze no salto em altura na Olimpíada de Helsinque, em 1952, o carioca era capaz de quebrar recordes em várias provas sem treinar para isso. Telles aparecia na pista do clube apenas três vezes por semana e não ficava por muito tempo, segundo contou seu colega Ulisses Laurindo em entrevista à Katia Rubio. “Telles não era um atleta que se dedicava muito aos treinamentos [...] era alguém que em competições superava a si próprio e aos adversários sem muita dificuldade”, escreveu a pesquisadora (RUBIO, 2004, p. 55).

Levando em consideração as perspectivas estudadas sobre a trajetória do herói, analisaremos no próximo tópico a cobertura jornalística sobre um postulante ao título no ano olímpico de 2012: o campeão Arthur Zanetti, da ginástica artística.

#### 4. ESTUDO DE CASO: O CAMPEÃO ARTHUR ZANETTI

Após o breve panorama sobre a história dos Jogos Olímpicos (no capítulo 2) e a problematização sobre a relação entre atletas e heróis, no capítulo seguinte, será feito um estudo de caso para verificar a inserção desses objetos de análise na imprensa.

A importância do trabalho se dá porque “as empresas de comunicação, entre elas as informativas, são agentes que interferem diretamente nas decisões sobre o desenvolvimento do esporte, sendo, além do Estado, as principais divulgadoras das práticas e eventos” (MALULY, 2013, p. 2).

##### 4.1 Metodologia

O foco desta pesquisa é descobrir como é feita a cobertura jornalística dos esportes olímpicos em meios de comunicação de amplo alcance, tão saturados por notícias diárias sobre futebol. Mais precisamente, a concepção é investigar se a presença de um atleta-herói é capaz de colocar sua modalidade na pauta da imprensa brasileira, rompendo a hegemonia da modalidade que é paixão nacional.

A hipótese com a qual trabalhamos é de que, na maioria das vezes, os esportes olímpicos só recebem atenção da mídia quando alcançam resultados expressivos. Em uma comparação rápida com o futebol, percebemos que o espaço dedicado em jornais impressos não é de longe parecido, até mesmo em momentos singulares para as modalidades constantemente esquecidas, como em edições de Jogos Olímpicos.

Outra hipótese também é possível. Por ter se tornado um esporte mais popular, o futebol alcançou espaço no jornal, o que atraiu mais leitores interessados, aumentando as vendas de exemplares. Para que isso também ocorra com outros esportes é preciso que o público tenha acesso a essas modalidades olímpicas e assim desperte o interesse.

Antes de começar a análise propriamente dita, porém, faz-se necessário justificar algumas escolhas que tem impacto direto na continuidade do trabalho.

Por se tratar de um acontecimento de dois anos atrás, as 16 edições d'*O Globo* foram analisadas por meio do site online “Acervo Digital” do jornal. A plataforma, porém, não é amigável ao leitor e dificultou bastante o andamento do trabalho. Por muitas vezes, a visualização das páginas dava erro e, em outras, o seu carregamento era lento. Também não era possível realizar uma pesquisa por palavras-chave dentro da edição ou do caderno

escolhidos. Este entrave prático fez com que o período da pesquisa tivesse que ser reduzido.

Portanto, o período analisado é compreendido entre os dias 27 de julho a 12 de agosto de 2012, durante os Jogos Olímpicos de Londres. A escolha foi pela edição olímpica mais recente, cuja quantidade de informação é grande e de fácil acesso.

Dentre os atletas brasileiros que alcançaram o pódio durante esta edição, um deles destacou-se por sua história peculiar: o ginasta campeão olímpico nas argolas, Arthur Zanetti. Antes do resultado, o ginasta não figurava na mídia e era praticamente desconhecido da torcida brasileira. Ademais, a medalha de ouro foi considerada uma surpresa positiva, já que jornalistas, críticos e dirigentes esportivos não apontavam Zanetti como um candidato. Para uma análise mais completa, foram levantadas todas as matérias do período com a temática da ginástica artística.

Entre os diversos meios de comunicação que fizeram extensa cobertura dos Jogos de Londres, escolhemos o jornal impresso pela facilidade de análise e acesso ao material escrito. Entre as possibilidades de veículos, o jornal *O Globo* foi adotado por duas razões principais: ser editado no Rio de Janeiro, estado onde esta pesquisa foi realizada, e ser um dos jornais de maior circulação nacional.

Os números do impresso escolhido são relevantes. Um levantamento feito pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC)<sup>21</sup> no primeiro semestre de 2012 – ano usado para esta pesquisa –, coloca *O Globo* como o terceiro jornal de maior circulação no país. A venda média no período foi de 265.940 exemplares diários. A escolha também levou em consideração que, a partir da década de 1920, todas as edições de anos anteriores da publicação estão disponíveis no acervo do site oficial (o acesso é feito mediante assinatura).

Dentro do jornal, as matérias sobre ginástica artística foram recolhidas apenas do caderno de esportes. Esta escolha se faz pertinente porque, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia<sup>22</sup>, realizada em 2013, 25% dos brasileiros que compram jornais citam esse caderno como uma leitura obrigatória. O interesse só é maior por notícias da cidade, que lidera com 33%, e outros assuntos, com 31%. No Rio de Janeiro, essa média é ainda mais

---

<sup>21</sup> Dados completos em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/circulacao-de-jornais-cresce-38-no-quadrimestre-5088519>>. Acesso em 03 de nov. 2014

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em 03 de nov. 2014.

elevada: 38% dos leitores costumam ler a editoria esportiva. É o caderno mais citado pelos fluminenses.

Esclarecidas as escolhas, foram coletadas 15 matérias do caderno de esportes do jornal impresso *O Globo* que citam a modalidade ginástica artística, no período dos Jogos Olímpicos de Londres, durante o segundo semestre de 2012. A abordagem desta pesquisa foi uma combinação de análise qualitativa e quantitativa, com a proposta de fazer uma investigação pontual do objeto.

O principal objetivo da metodologia assinalada é “avaliar a presença e a imagem de uma organização junto a determinados públicos ou à opinião pública, de maneira geral” (BUENO *apud* REMUS & CYPRIANO, 2011, p.251). No caso específico deste trabalho, avaliar a imagem do herói esportivo construída pela mídia.

Para fazer uma análise qualitativa das matérias jornalísticas, foi preciso levar em conta que a informação não é um objeto com um fim em si mesmo, mas depende da interpretação e dos conhecimentos de mundo de quem a recebe. Ou seja, “o acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso” (CHARAUDEAU, 2012, p. 123).

No momento em que escreve uma notícia, o jornalista tem diversas opções para determinar o enfoque, a abordagem e até mesmo o posicionamento do veículo sobre o fato. São escolhas que permeiam o fazer jornalístico e afetam diretamente o resultado final do trabalho. “Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas*” (CHARAUDEAU, 2012, p. 39, grifos do autor).

Para propiciar o estudo do caderno esportivo, foram utilizadas cinco categorias de análise. São elas: tipo de matéria, tema principal, abordagem, imagens e tamanho. Na primeira, os textos foram classificados de acordo com tamanho e profundidade em nota, notícia, reportagem, perfil e infográfico. Na categoria “tema principal”, destacamos os assuntos que foram o foco das matérias. Já em “abordagem”, os textos foram classificados em apenas uma categoria entre as opções positivo, negativo, crítico ou informativo (que eram geralmente notas curtas). Na categoria “imagens”, registramos se a matéria teve ilustrações, quais foram e qual foi o espaço ocupado por elas. Para finalizar, na categoria “tamanho”, foram contabilizados números de parágrafos ou colunas ocupadas.

Ao final desse processo, foi feita uma investigação que destacou: 1) a quantidade de vezes em que a modalidade ginástica artística foi notícia; 2) a quantidade de vezes em que

o ginasta Arthur Zanetti foi o foco das matérias; 3) o destaque das matérias; 3) se o número de matérias aumentou depois dos resultados das Olimpíadas.

Após a coleta, separação e exame do material, o trabalho adquiriu um caráter descritivo, na medida em que foi preciso dar ao leitor dados para que ele acompanhasse a avaliação das matérias destacadas. Inclusive, algumas imagens das páginas do jornal foram utilizadas para ilustrar este capítulo, facilitando a leitura.

Levantamentos como este se tornam importantes porque destrincham o papel dos meios de comunicação enquanto construtores do imaginário social coletivo. Este é um tópico relevante na temática dos esportes, já que grande parte da população do país acompanha as notícias da editoria. Além disso, o imaginário brasileiro é tão carente de ídolos que a maior parte dos heróis nacionais advém do esporte.

Por isso, “refletir sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da objetividade jornalística, que se constitui um dos pilares da profissão” (HELAL & CABO *apud* AMARO, 2014, p. 73-74).

A partir da análise qualitativa e quantitativa do material jornalístico, esperamos encontrar as respostas aos questionamentos estabelecidos na formulação deste trabalho.

## **4.2 A Ginástica Artística**

Os movimentos da ginástica artística são usados desde a Grécia Antiga como treinamento para militares. Entretanto, a modalidade como é conhecida hoje, dividida em aparelhos, surgiu em 1811, por criação do professor alemão Ludwing Jahn<sup>23</sup>.

Por ser uma modalidade clássica, cuja origem remonta à Antiguidade, a ginástica artística já figurava no programa olímpico desde a primeira edição, em Atenas-1896. Mas as provas femininas só foram incluídas nos Jogos de Amsterdã, em 1928, mais de 30 anos depois.

Ao todo, são 14 disputas de medalhas na ginástica artística em Jogos Olímpicos, oito no masculino e seis no feminino. Os homens disputam os aparelhos salto, solo, cavalo com alças, barras paralelas, argolas e barras fixas. Já as mulheres apresentam-se em salto,

---

<sup>23</sup> Para este breve histórico, foram utilizados como referência o livro “Almanaque Olímpico Sportv” (dos autores Armando Freitas e Marcelo Barreto) e o site Esporte Essencial.



solo, trave e barras assimétricas. Além disso, ambos os gêneros participam das provas por equipes e individual geral.

O *hall* da fama de ginastas é grande. Os soviéticos Larisa Latynina e Nikolay Andrianov são os grandes nomes da modalidade. Latynina é a maior medalhista da ginástica. Em apenas três edições, foi nove vezes campeã olímpica e ainda subiu ao pódio outras nove vezes. Já Andrianov alcançou 15 medalhas, 12 delas individuais e sete, de ouro.

Embora não seja uma grande colecionadora de medalhas, a russa Nadia Comaneci é lembrada pela perfeição de seus movimentos. Em Montreal-1976, tornou-se a mais jovem ginasta a ganhar um ouro, aos 14 anos, e a primeira a alcançar a nota máxima na modalidade (10).

A primeira delegação brasileira a incluir ginastas foi enviada para os Jogos Olímpicos em Moscou, em 1980. Eram apenas dois atletas: Cláudia de Paula Magalhães Costa e João Luiz Ribeiro. Desde então, o país envia representantes em todas as edições. O maior grupo foi o que participou dos Jogos de Londres, com a equipe feminina completa (com cinco ginastas), para disputar a competição por equipes, e três homens, que participaram apenas das provas individuais. Para a próxima edição, em 2016, a meta da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) é levar também uma equipe masculina completa<sup>24</sup>.

Os melhores resultados na modalidade começaram a surgir com Daiane dos Santos, para muitos brasileiros a “atleta-símbolo da ginástica artística” (FREITAS & BARRETO, 2012, p. 219). Ela foi a primeira atleta a conquistar a medalha de ouro em uma edição do Campeonato Mundial da modalidade e ainda entrou para a história ao ter um movimento, o duplo *twist* carpado<sup>25</sup>, batizado com seu nome. Entre os homens, quem se destacou foi Diego Hypolito, dono de cinco medalhas mundiais e oito em Jogos Pan-Americanos.

Apesar das conquistas em campeonatos mundiais, o Brasil nunca teve um histórico de medalhas em Jogos Olímpicos. Até 2012, o melhor resultado era o quinto lugar de Daiane dos Santos no solo, em Atenas-2004. Nos Jogos de Pequim-2008, Hypolito era favorito no solo, mas caiu na última acrobacia e terminou na sexta colocação.

---

<sup>24</sup> Mais sobre essa meta em: < <http://www.esporte.gov.br/index.php/fique-por-dentro/67-lista-fique-por-dentro/48758-mundial-na-china-e-o-primeiro-passo-para-classificacao-inedita-do-conjunto-masculino-de-ginastica-artistica>>. Acesso em 03 nov. 2014.

<sup>25</sup> O duplo *twist* carpado é uma variação do salto *twist* (popularmente conhecido como uma pirueta de giro em torno de si), seguido de um mortal duplo. O movimento ganhou o nome "Dos Santos" porque a ginasta brasileira foi a primeira no mundo a executá-lo com perfeição.

### 4.3 Os Jogos Olímpicos de Londres

A terceira edição londrina dos Jogos Olímpicos foi marcada por uma enorme preocupação com o impacto que o evento poderia deixar na cidade. Em meio à crise econômica europeia, fazer a 30ª Olimpíada da Era Moderna foi um desafio que o Reino Unido levou a sério, cuidando para não desperdiçar, mas também com a clara intenção de impressionar o mundo.

Londres, que já havia sediado o evento em 1908 e 1948, recebeu os maiores atletas do mundo entre os dias 25 de julho e 12 de agosto de 2012. Segundo dados do Comitê Olímpico Internacional (COI)<sup>26</sup>, a competição reuniu cerca de 10.500 atletas de 204 comitês olímpicos nacionais para disputar 26 esportes e 39 modalidades, onde foram distribuídas 302 medalhas.

O público também foi grandioso: 180 mil espectadores por dia circularam pelos 34 diferentes locais de prova. Mas para montar todo esse espetáculo esportivo, foram necessários 200 mil trabalhadores, sendo 70 mil deles, voluntários.

Os números da edição também demonstram a grande importância da cobertura midiática. Aproximadamente 21 mil jornalistas receberam credenciais para acompanhar as competições, quase o dobro do total de atletas participantes. O resultado foi uma audiência potencial de quatro bilhões de pessoas ao redor do mundo.

Durante intensos 16 dias, os torcedores assistiram recordes mundiais serem quebrados, ídolos serem criados, embates históricos e até despedidas. Só na natação, foram 34 recordes quebrados, sendo nove mundiais e 25 olímpicos, sem o uso dos chamados “supermaiôs”<sup>27</sup>.

O norte-americano Michael Phelps tornou-se o maior medalhista olímpico da história. Em três participações nos Jogos (2004, 2008, 2012), foram 22 pódios, com direito a 18 ouros. No atletismo, o jamaicano Usain Bolt garantiu um inédito duplo bicampeonato nos 100 e 200 metros rasos, assegurando o título de maior velocista de todos os tempos.

Após uma preparação especial para esta edição olímpica – a última antes de sediar pela primeira vez o evento –, o Brasil levou uma delegação de 259 atletas (136 homens e 123 mulheres) e só não participou das disputas de três esportes do programa: badminton,

---

<sup>26</sup> Dados disponíveis em: <<http://www.olympic.org/london-2012-summer-olympics>>. Acesso em 29 out. 2014.

<sup>27</sup> Trajes de natação feitos de um material leve e que diminui a resistência entre o corpo e água. Mais sobre isso em: <<http://revistaescola.abril.com.br/ciencias/fundamentos/como-funcionam-supermaiôs-471980.shtml>>. Acesso em 03 nov. 2014.

hóquei e polo aquático. O resultado foi um recorde no número de medalhas conquistadas: 17 no total, superando as 15 de Atlanta-1996 e Pequim-2008. Apesar disso, a delegação não ultrapassou o total de ouros obtido em Atenas-2004, quando o Brasil fez cinco campeões olímpicos.

A distribuição das medalhas ficou em três ouros, cinco pratas e nove bronzes. Isso deixou o país em vigésimo segundo no quadro de medalhas elaborado pela mídia. Para 2016, a meta do Comitê Olímpico do Brasil (COB) é chegar ao décimo lugar geral<sup>28</sup>, alvo que parece um pouco ambicioso demais.

Dois destaques individuais encantaram os torcedores brasileiros ao alcançar o topo do pódio mesmo não sendo favoritos. Na categoria até 48 kg do judô, Sarah Menezes conquistou o primeiro ouro do país nos Jogos de Londres e ainda tornou-se a primeira mulher do país campeã olímpica na modalidade. Já Arthur Zanetti, com sua apresentação nas argolas, conquistou o primeiro ouro de um atleta sul-americano na ginástica artística. O último ouro veio com a equipe feminina de vôlei, que obteve o bicampeonato olímpico consecutivo. Para o técnico José Roberto Guimarães, foi o tricampeonato na carreira.

As medalhas de prata vieram no boxe, na natação, no vôlei de praia masculino e no futebol masculino. Já os bronzes foram logrados no boxe, na natação, no judô, na vela e no vôlei de praia feminino.

#### **4.4 Arthur Zanetti: o herói consagrado em Londres**

Arthur Zanetti chegou aos Jogos de Londres com a distinção de um vice-campeonato mundial no ano anterior e o título do pré-olímpico realizado no mesmo ginásio das competições oficiais da cidade britânica. Todas as conquistas vieram na prova de argolas, sua especialidade, e que exige força e concentração. Nela, “os ginastas se apresentam com as mãos presas a duas argolas paralelas” (FREITAS & BARRETO, 2012, p. 221) e executam uma série de movimentos obrigatórios, como a parada com os braços abertos, formando uma cruz.

---

<sup>28</sup> Mais sobre essa meta em: <<http://esporte.uol.com.br/rio-2016/ultimas-noticias/2014/07/23/por-top-10-em-casa-cob-poe-meta-ousada-e-quer-27-medalhas-no-rio-2016.htm>>. Acesso em 03 de nov. 2014

Embora já tivesse um histórico de bons resultados na ginástica, Zanetti não era considerado favorito ao ouro olímpico. Isto porque seu principal adversário era o chinês Yibing Chen, campeão olímpico em Pequim-2008 e dono de quatro títulos mundiais.

Durante os 16 dias de Jogos Olímpicos, foram encontradas 15 matérias que faziam menção à modalidade ginástica artística. Entre elas, cinco focavam exclusivamente em Arthur Zanetti, e quatro delas foram publicadas após a conquista do ouro. É interessante notar o aumento expressivo de espaço destinado ao ginasta após a medalha. O tamanho das matérias também aumentou significativamente, passando de uma primeira nota de duas linhas para reportagens de página inteira.

Das nove matérias que tinham acompanhamento de ilustrações, apenas duas traziam uma foto de Zanetti. Apesar disso, a reportagem de maior destaque sobre o ginasta, apresentava cinco fotos, um número muito alto. Em geral, cada matéria do jornal apresenta apenas uma ou duas ilustrações.

A divisão das matérias por dentro das duas principais categorias foi a seguinte:

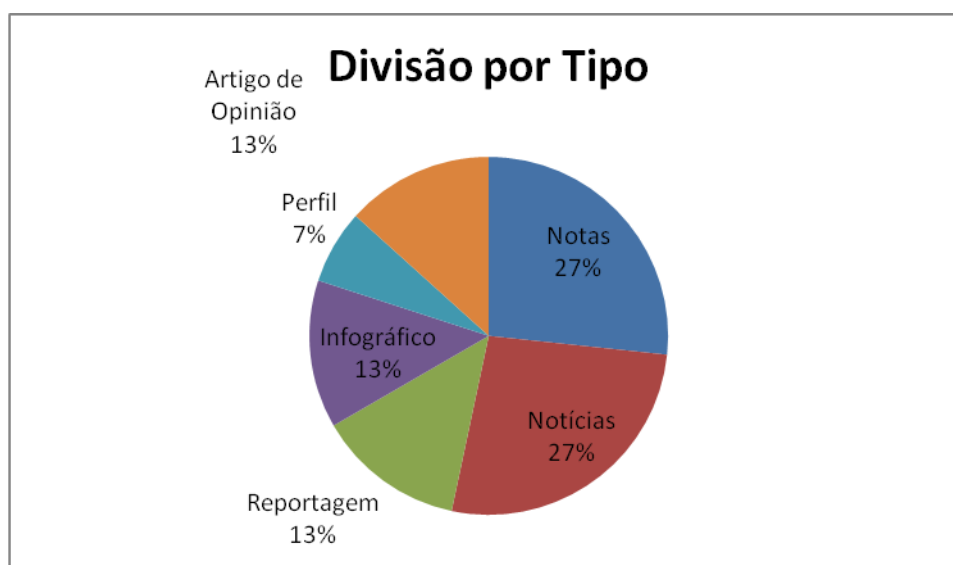


Figura 1: Gráfico da classificação das matérias por tipo.

Entre as matérias que tinham como foco Arthur Zanetti, a divisão ficou a seguinte: uma nota, uma reportagem, uma notícia e um perfil e um artigo de opinião.

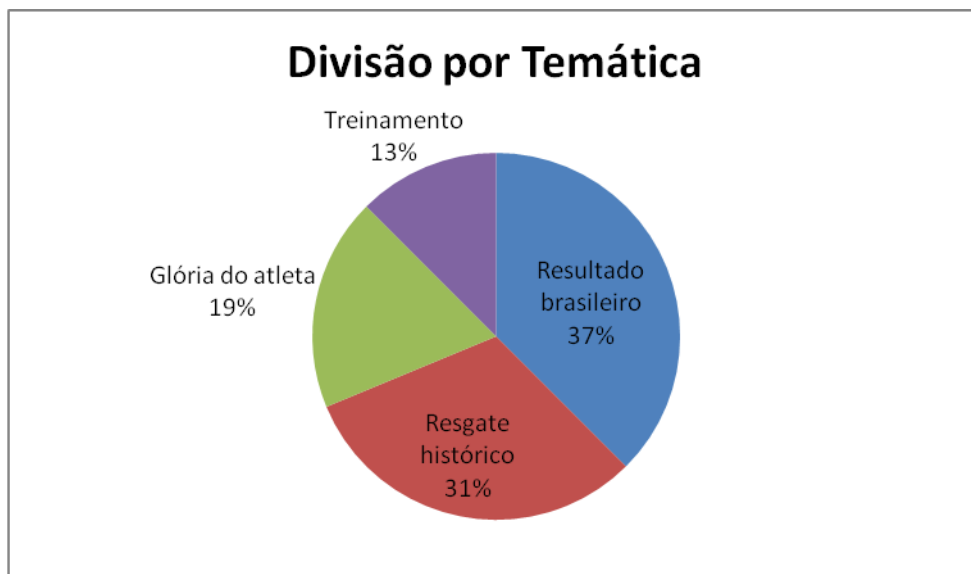


Figura 2: Gráfico da classificação das matérias por temática.

É importante mencionar, porém, que não foram levadas em consideração menções à ginástica artística em calendários esportivos publicados no jornal e chamadas para conteúdo na internet.

Do dia 27 de julho a 2 de agosto, as matérias sobre a modalidade tinham como personagens principais as meninas da equipe brasileira feminina de ginástica. Entre os homens, apenas Diego Hypolito, dono de medalhas em mundiais, recebia destaque. Também foram publicadas pequenas notas, acompanhadas de fotos, sobre atletas de outros países. A ex-ginasta Larisa Latynina teve uma declaração publicada no dia 2 de agosto, quando seu recorde de medalhas em Jogos Olímpicos foi batido pelo nadador Michael Phelps. Um dia antes, a norte-americana Jordyn Wieber estampou a página do jornal por conta da sua história de superação.

As matérias com essa temática do resgate histórico voltaram a aparecer no dia 12 de agosto, último dia de competições. O colunista Renato Maurício Prado falou sobre a despedida da ginasta romena Catalina Ponor, que conquistou a medalha de prata no solo. Em artigo de opinião, o jornalista narra as apresentações de Ponor e sua luta por um lugar no pódio em sua última Olimpíada. Uma ressalva que deve ser feita é que as provas comentadas aconteceram cerca de uma semana antes, no dia seguinte ao que Arthur Zanetti tornou-se campeão. Na época, a romena perdeu espaço para as conquistas brasileiras.

Arthur Zanetti foi o foco pela primeira vez do jornal *O Globo* no dia em que iria participar das finais das argolas. Por si só, este fato deveria render um destaque, já que o

número de brasileiros que chegou a finais nesta edição foi muito pequeno. Principalmente na ginástica artística, em que Sérgio Sasaki foi o único, além de Zanetti, a disputar uma final em Londres. Mesmo assim, o espaço destinado ao ginasta foi de apenas duas linhas, em uma nota sem fotos, no dia 6 de agosto. Embaixo do título “Brasil hoje”, a nota dizia: “Arthur Zanetti disputa a final das argolas” (Esportes, p. 2).



Figura 1: Nota do jornal *O Globo*, do dia 6 de agosto

No dia seguinte, 7 de agosto, as duas linhas transformaram-se em uma reportagem de página inteira com destaque na capa da edição e do caderno de esportes. Arthur Zanetti saía do anonimato para ser elevado ao cargo de melhor ginasta do país.

Figura 3: Capas do jornal *O Globo*, do dia 7 de agosto.



Na capa do jornal, uma foto da apresentação de Zanetti com o título “A cruz de ouro em Londres”. O texto ao lado destacava sua baixa estatura e a pouca idade (ele tinha apenas 22 anos), além da vitória sobre o favorito da prova, o chinês Yibing Chen, campeão olímpico e tetra mundial.

A manchete do caderno de esportes, “Grande baixinho”, foi acompanhada por um subtítulo: “A ginástica brasileira tem seu maior gigante. Com 1,56m, Arthur Zanetti conquistou ontem a medalha de ouro na prova de argolas, a primeira de um brasileiro na modalidade” (Esportes, p. 1). Ocupando a maior parte da capa, uma foto de Zanetti olhando para cima, como se agradecesse aos céus, e exibindo a bandeira brasileira.

A reportagem principal, que ocupa toda a página 4 do caderno de esportes, traz cinco fotos do ginasta. Quatro delas durante a apresentação nas argolas e a maior, no pódio, já com a medalha de ouro no peito. Um *box* ao lado da foto principal traz uma segunda matéria, um perfil do atleta.

A reportagem positiva escrita por Sanny Bertoldo destaca as qualidades de Arthur Zanetti, como a sua capacidade de usar a pressão a seu favor, de não deixar o nervosismo transparecer e não se abater diante de um adversário de peso, o “Rei das argolas” Yibing Chen. Em seguida, decreta: “Zanetti salvou o esporte nos Jogos de Londres”, lembrando os resultados ruins da equipe feminina e de Diego Hypólito. Aí está um exemplo real da consagração do herói, descrita por Campbell.

Assim como muitos atletas olímpicos aspirantes a heróis, Arthur Zanetti faz questão de falar da importância do treinamento em uma modalidade tão técnica. A expressão “para quem treina todos os movimentos à exaustão”, usada pelo autor, reforça essa ideia. Além disso, o ginasta revela que a derrota para Chen no Mundial do Japão, em 2011, foi um sinal de que a dificuldade de sua série estava baixa. Por isso, “voltaram para São Caetano do Sul e intensificaram o treinamento”. Também é possível ver essa ideia na fala do técnico Marcos Goto: “Eu trabalho com o Arthur desde os 8 anos. Tudo é fruto de muito trabalho” (Esportes, p.4).

A ênfase do empenho e do trabalho duro permeia grande parte da cobertura jornalística de esportes olímpicos. Isto ficou claro para Ronaldo Helal e Fausto Amaro, que também fizeram uma análise da edição de 2012. “O treinamento é reiteradamente lembrado, seja em frases dos jornalistas seja na seleção das frases proferidas pelos atletas. Superação também é palavra de ordem” (HELAL & AMARO, 2014, p. 32).

Após destacar tantas qualidades que tornam Arthur Zanetti um homem excepcional, digno de ser “ídolo” até de outros atletas, Bertoldo faz questão de trazer o lado humano. Para finalizar, o autor quer que os leitores se identifiquem com o personagem. “Por enquanto, o novo campeão olímpico só tem um desejo: – Eu quero comer um hambúrguer” (Esportes, p.4).

Essa exaltação do lado humano dos heróis modernos, semidivinos, é uma estratégia fundamental para promover a relação com pessoas comuns. Os heróis “realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar” (MORIN, 1997, p. 107), mas podem ser identificados com pessoas comuns por terem essa “segunda natureza”, a mortal. “Sua segunda natureza, por meio da qual cada um se pode comunicar com sua natureza divina, fá-los participar também da vida de cada um” (MORIN, 1997, p. 107).

Na matéria complementar, o perfil do atleta, Bertoldo fala sobre o biótipo perfeito de Zanetti para a ginástica, a descoberta do seu talento pelo técnico Marcos Goto (a iniciação esportiva), os bons resultados colecionados desde os 14 anos, o apoio da família e as dificuldades. A história de superação, comum entre atletas olímpicos, não fica de fora. A matéria, também de abordagem positiva, revela que o ginasta não tinha patrocínio até pouco antes das Olimpíadas e sempre treinou com argolas fabricadas pelo próprio pai. Além disso, também são invocadas as quatro graves lesões que poderiam ter feito com que Zanetti desistisse de se tornar atleta de alto rendimento. A superação dos obstáculos também é parte importante da saga do herói e Zanetti cumpriu esta etapa missão. Como resposta, o ginasta demonstrou mais uma vez sua determinação: “Sempre tive um objetivo bem claro na minha cabeça, que era ser medalhista olímpico” (Esportes, p.4).

Na mesma edição, o colunista Renato Maurício Prado, escrevendo direto de Londres, exaltou a conquista do ginasta e tentou justificar os motivos que levaram a mídia a não alardear a chegada de Zanetti à final. A introdução do artigo de opinião, intitulado “Lord of the Rings” (“O senhor dos anéis”, em português), dizia:

Arthur Zanetti é vice-campeão mundial nas argolas, mas, confesso, não levava muita fé no seu ouro. Escaldado pelos fracassos de Daiane dos Santos, em Atenas, e Diego Hypolito, em Pequim, quando ambos eram favortíssimos no solo e decepcionaram, temia novo malogro na ginástica. Zanetti, porém, acabou com a maldição. Sua atuação perfeita queimou minha língua e lavou minha alma. Que bom!<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Trecho retirado da coluna do jornalista Renato Maurício Prado na editoria Esportes do jornal *O Globo*, edição do dia 7 de agosto de 2012.



Em seguida, Prado faz uma descrição das apresentações da final, conjecturando sobre as notas dos adversários. Ao falar sobre a prova do brasileiro, só elogios. As expressões “performance excepcional”, “nota excepcional”, “reconhecimento geral”, “exibição brilhante” e “executado com perfeição” demonstram o tom de exaltação que permeou todo o artigo.

A ênfase na exaltação pode ser compreendida, de certa forma, como desconhecimento dos aspectos mais técnicos da ginástica artística. Quando não conhecem profundamente uma modalidade que devem cobrir, os jornalistas geralmente optam pelo uso de adjetivos mais generalistas.

Em 8 de agosto, dois dias após a conquista do ouro, a ginástica voltou às páginas do jornal em uma matéria relacionada diretamente com Zanetti (embora ele não seja o assunto principal). As repórteres Carol Knploch e Jaqueline Falcão buscaram informações sobre o clube onde o campeão treinava desde os oito anos de idade, a Sociedade Esportiva Recreativa Cultura Santa Maria, em São Caetano do Sul. Descobriram atrasos nos pagamentos dos ginastas, o que, segundo os entrevistados, prejudicava os treinamentos. A manchete da notícia de caráter negativo dizia “Em São Caetano, resultados em alta; salários em baixa”. Já no subtítulo, o campeão olímpico é citado: “Cidade com melhor IDH do país e onde treina Zanetti acerta pagamento a clubes” (Esportes, p. 6).

O foco da matéria é claramente o clube, mas o ginasta é citado por duas vezes para justificar a importância do apoio aos talentos do local. A ilustração é uma foto de uma criança treinando. Embora não esteja no local e muito menos apareça na foto, o jornal força a inclusão do nome Zanetti na legenda, deixando o texto longo e confuso: “No clube em São Caetano, onde treina Arthur Zanetti, dono da medalha de ouro inédita na ginástica artística, professor ajuda um jovem atleta a executar com correção um exercício” (Esportes, p. 6).

O subtítulo “Desfile em carro aberto” aborda a vocação da cidade para o esporte, com a inauguração de centros de treinamento para outras modalidades. Relembra ainda que São Caetano teve outro morador ilustre que subiu ao topo pódio em Olimpíadas, o judoca Rogério Sampaio. Apenas a última frase dos dois parágrafos faz referência ao título. É o relato da recepção preparada para Arthur Zanetti, “com direito a desfile em carro do Corpo de Bombeiros. E salários em dia” (Esportes, p. 6). Mais uma vez o campeão é usado como chamariz para o texto.

No dia 9 de agosto, a única menção à ginástica artística no caderno de esportes é um infográfico que mostra as medalhas conquistadas pelo Brasil ao longo de todas as Olimpíadas que participou, divididas por modalidades. O ouro de Arthur aparece entre as 22 medalhas douradas e as 101 no total. A matéria é claramente informativa.

A dois dias do encerramento dos Jogos de Londres, com as disputas por medalhas chegando ao fim, a cobertura d'*O Globo* volta-se para os esportes com mais chances de bons resultados: o futebol e o vôlei. A seleção brasileira masculina de futebol está na briga pelo título inédito e é o grande centro das atenções. Ao mesmo tempo, Arthur Zanetti chega à sua cidade natal e consegue um bom espaço na editoria de esportes.

A notícia do dia 10 de agosto ocupa uma coluna inteira da página, bem ao lado de uma extensa matéria sobre futebol. A foto mostra Arthur Zanetti enrolado em uma bandeira do Brasil (mais uma vez), no topo de um caminhão do Corpo de Bombeiros, acenando para o público enquanto é fotografado.

A matéria desenrola-se em uma descrição da chegada tumultuada do campeão ao aeroporto e da sua primeira coletiva de imprensa em solo brasileiro. A sua família também aparece para trazer outra vez o lado humano do “astro”, assim descrito pela manchete. Os pais e tios reclamam do “assédio” e da “loucura”. Já a avó recebe voz para contar os mimos que fazia para o menino Arthur.

O desfile pelas ruas da cidade é encarado como o “ápice do momento popstar”, nesta notícia de abordagem positiva. Também é apontado o lado negativo da conquista: o interesse dos políticos. A jornalista Carol Knploch enfatiza que os políticos aproveitaram-se do prestígio do atleta para fazer campanha eleitoral, mesmo que os salários dele estivessem atrasados no momento em que venceu a competição em Londres.

Neste momento de retorno do herói, em que ele compartilha suas conquistas com a comunidade, alguns personagens com interesses diversos podem aproveitar-se da situação. É o caso de políticos, que muitas vezes prestam homenagens ao atleta apenas para deixar claro para o público-eleitor que sempre o apoiaram, mesmo que isso não seja verdade.

Representante de uma modalidade sem tradição de resultados em Jogos Olímpicos, Arthur Zanetti não foi mencionado nas páginas d'*O Globo* nos primeiros dias de provas da ginástica artística. E até quando garantiu a classificação para as finais, só foi citado em uma minúscula nota.

A mudança de abordagem aconteceu somente após a conquista da medalha de ouro. Já campeão olímpico, Zanetti estampou a capa do jornal, além de ser o único atleta na foto

de capa do caderno de esportes do dia. Os jornalistas foram atrás do clube do ginasta para descobrir suas condições de treinamento, entrevistaram sua família e ainda cobriram sua recepção na cidade natal. Em poucos dias, Zanetti passou de desconhecido para “astro”, “ídolo”, “salvador” e “popstar”, como é caracterizado nos textos do jornal.

A narrativa construída pelo periódico também reforça o estereótipo de herói, no qual Zanetti se encaixou bem. Relembrando as fases da saga do herói clássico (detalhadas no capítulo anterior), podemos perceber que o ginasta teve algumas etapas desta história narradas diariamente na mídia, mesmo que os jornalistas responsáveis pelas pautas não tivessem consciência, ou até intenção.

Aos oito anos, Arthur foi descoberto por seu técnico e começou a praticar a ginástica artística, recebendo sua *Educação Iniciática*. Anos depois, o *Chamado à Aventura* o leva a participar de competições e conquistar os primeiros títulos nacionais e internacionais. Uma de suas *Provas Iniciáticas* foi o Campeonato Mundial de 2011, em que ficou com a medalha de prata nas argolas. Esse momento é considerado pelo próprio ginasta como um divisor de águas. Sentindo que não fez seu melhor, treinou com mais empenho e chegou às Olimpíadas de Londres para mostrar seu valor. Durante esse processo, enfrentou diversas dificuldades que poderiam tê-lo feito desistir, como a dificuldade financeira (falta de patrocínio individual e atraso dos salários do clube), a precariedade do material de treino (seu pai era quem fabricava suas argolas) e uma série de graves lesões.

Cumprida a missão estabelecida ainda nos primeiros anos como atleta, o *Retorno* marca a chegada de Zanetti a São Caetano do Sul com a medalha de ouro no peito. É recebido com honras pela população e por governantes. E, embora não seja celebrado o *Casamento*, a namorada do ginasta se faz presente para confirmar o compromisso dos dois.

Assim, é notório que Zanetti percorreu fases importantes da saga heroica e pôde atingir a glória de receber o título de herói olímpico e até mesmo de herói nacional.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em menos de dois anos, o Brasil será sede do maior evento esportivo do mundo, que reúne mais de 200 países dos cinco continentes: os Jogos Olímpicos. O desafio, porém, vai além de construir ginásios e melhorar o sistema de transportes do Rio de Janeiro, cidade escolhida para sediar o evento. Os Jogos têm a missão de trazer novos conhecimentos e vivências ao povo que o recebe.

Atualmente, a cobertura midiática dos esportes é largamente dedicada à modalidade que é reconhecida como paixão nacional, o futebol. Com este excesso de exposição, os demais esportes perdem a visibilidade. Assim, percebemos que o público brasileiro ainda não tem uma “cultura olímpica”, ou seja, o costume de acompanhar as modalidades que fazem parte do programa olímpico. Até porque algumas são quase completamente desconhecidas da maioria.

Neste momento único, a mídia terá um papel fundamental como fornecedora de informação. Para torcer, o público precisará ter noções mínimas das regras de cada esporte. Logo, será por meio dos diversos meios de comunicação que o torcedor aprenderá sobre esportes pouco divulgados ou pouco praticados no Brasil.

Ademais, a ocasião também será uma oportunidade sem igual para o Brasil se afirmar internacionalmente como uma grande potência política e econômica da América Latina, com capacidade para participar de decisões que afetam o mundo inteiro. Este poderia ser um dos legados dos Jogos Olímpicos de 2016.

Diante do cenário exposto, julgamos que é fundamental entender como é feita a cobertura jornalística de uma edição dos Jogos Olímpicos, já que os meios de comunicação têm um papel central na construção do imaginário coletivo. Por isso, empreendemos um estudo de caso que teve como principal objetivo avaliar como um esporte pouco presente no dia a dia da imprensa pode alcançar destaque.

Após analisarmos a trajetória do ginasta campeão olímpico Arthur Zanetti nas páginas do jornal *O Globo*, percebemos que um resultado expressivo está diretamente ligado ao espaço que a modalidade vai receber. Antes de subir ao pódio nos Jogos de Londres, Zanetti não foi personagem central de nenhuma matéria, mesmo que fosse um forte candidato. As notícias deram destaque a Diego Hypolito, ginasta já reconhecido por ser bicampeão mundial do aparelho solo e grande esperança brasileira de medalha.

Outro integrante da equipe brasileira, Sérgio Sasaki também fez uma boa competição, chegando à final do individual geral, prova mais difícil da ginástica artística. Entretanto, por não ter conquistado um lugar no pódio, Sasaki não ganhou espaço no jornal. Seu resultado rendeu apenas uma nota.

Assim, confirmamos a hipótese de que um resultado expressivo é importante para que esportes olímpicos rompam a hegemonia do futebol. Isso ficou claro no dia em que Zanetti voltou para o Brasil e dividiu espaço na página d'*O Globo* com a seleção masculina de futebol, que ainda se preparada para disputar o ouro.

Também foi possível identificar a construção da figura do atleta olímpico como herói. Em um curto período de tempo de apenas 15 dias, Arthur Zanetti saiu do anonimato para figurar como “salvador” do esporte brasileiro, utilizando um termo presente nas narrativas jornalísticas. A história de vida do ginasta, contada pelo jornal, foi marcada por histórias de superação e determinação, ao mesmo tempo em que foram destacadas as suas qualidades mais nobres.

Dessa forma, foi possível perceber que a imprensa utilizou-se da narrativa padrão para atletas olímpicos, que “ressalta elementos como infância difícil, contusões e barreiras das mais diversas” (HELAL, 2009, p. 35). Essa estratégia tem como finalidade, ao mesmo tempo, valorizar e humanizar as conquistas do novo herói, que agora deve atrair interesse do público leitor. Com essa abordagem, a imprensa pretende deixar claro que “todo brasileiro pode superar suas limitações e obter o máximo de seu desempenho atlético, emocional e/ou intelectual” (AMARO, 2014, p. 239).

Diante do exposto até aqui, acreditamos ter respondido os principais questionamentos propostos no início desta pesquisa.

Mas apesar da análise ter confirmado algumas hipóteses levantadas, não permite concluir que essa perspectiva é adotada por todos os meios de comunicação com todos os aspirantes a herói olímpico. Para afirmar tal fato, será preciso um estudo mais aprofundado do tema, com, por exemplo, uma análise de todo o ano de 2012 ou até mesmo do ciclo olímpico que vai de 2009 a 2012.

Sendo assim, esperamos que este trabalho tenha contribuído para a pesquisa sobre a construção da figura do herói e da cobertura jornalística de esportes olímpicos, em especial, quando este processo está associado aos meios de comunicação de massa. A partir desta pesquisa, outros temas e abordagens podem ser discutidos no futuro, ampliando o debate sobre Jogos Olímpicos no Brasil



## 6. REFERÊNCIAS

### Artigos, Livros, Dissertações e Teses

ALZAMORA, G.; TÁRCIA, L. “Olimpíadas 2012, Convergência e Transmídia: telas múltiplas na cobertura jornalística da BBC”. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2013.1.

AMARO, Fausto. *Mídia, Esporte e Idolatria: O Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos*. 2013. 246f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. “O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo”. In: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS E ESPORTE, São Paulo, setembro de 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CODEA, André Luiz; CODEA, Janaina; BERESFORD, Heron. “Uma perspectiva histórica sobre os Jogos Olímpicos: da pré-história dos Jogos a Barão de Coubertin e o ideal olímpico”. In: Turini, Marcio; DaCosta, Lamartine (editores). *Coletânea de textos em estudos olímpicos*, v. 1. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Olympic Charter*. Lausanne, 2013.

COUSINEAU, Phil. *O ideal olímpico e o heróis de cada dia*. São Paulo: Mercuryo, 2004.

CURI, Martin. “A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil”. REVISTA HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS, vol.19 n°.40, Porto Alegre, jul/dez. 2013. Disponível em: <http://horizontes.revues.org/142#authors>. Acesso em 09 de novembro de 2014.

FERNÁNDEZ PENÃ, E. 2014. “Introduction: the Olympics and the media, Introduction to media and the culture of the Olympics”. Disponível em: <https://class.coursera.org/olympicgames-001/lecture/5>. Acesso em 5 de junho de 2014.

FRANZINI, Fabio. “A futura paixão nacional: chega o futebol”. In: MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Mary del (org.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. *Almanaque Olímpico SPORTV*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB Cultural, 2012.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. “O esporte e seus heróis: a narrativa jornalística sobre os medalhistas brasileiros nas Olimpíadas de 2012”. *REVISTA ALCEU*, n.28, jan./jun, 2014.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro; AMARO, Fausto; PEREIRA, Camila; TEIXIERA, João Paulo. “A construção de um ídolo futebolístico na imprensa: um estudo de caso”. *REVISTA ORGANICOM*. São Paulo, n. 15, p. 233-246, 2011.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro; MARQUES, Ronaldo Galvão. “Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo”. *REVISTA CONTEMPORÂNEA*. Rio de Janeiro, n. 13, p. 33-44, 2009.

HELAL, Ronaldo. *Mídia e Esporte: a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro*. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Esportiva do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação da INTERCOM. Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_. “As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso”. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge (org.). *A invenção do país do futebol: mídia raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

\_\_\_\_\_. “Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol”. *REVISTA COMUNICAÇÃO, MOVIMENTO E MÍDIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA*, vol.2 , ano 2, CEFD/UFSM, 1999.

\_\_\_\_\_. “Mídia, construção da derrota e o mito do herói”. *REVISTA MOTUS CORPORIS*, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

LO BIANCO, Vittorio Leandro Oliveira. *O legado dos megaeventos esportivos em questão: as mudanças ou as continuidades na cidade Rio de Janeiro pós-sede*. 2010. 125f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MALULY, Luciano Victor Barros. “A Notícia Olímpica”. Trabalho apresentado no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da INTERCOM, Bauru, 2013.

MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Mary del (org.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MELO, Victor Andrade de. “Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil”. In: MELO, Victor Andrade de;



PRIORE, Mary del (org.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009a.

\_\_\_\_\_. “Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX”. In: MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Mary del (org.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009b.

NOGUEIRA, Salvador; HORTA, Maurício; BOTELHO, José Francisco. *Superinteressante coleções: mitologia: deuses, lendas, heróis*. São Paulo: Ed. Abril, 2012.

PEREIRA, Camila Augusta Alves. *Guerreiros não abandonam a batalha: publicidade e identidade do herói nacional no Mundial de Futebol de 2010*. 2012. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RUBIO, Katia. *A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos no país do futebol*. REVISTA ADUSP, São Paulo, nº 52, abril. 2012.

\_\_\_\_\_. *Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização*. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010.

\_\_\_\_\_. *Heróis Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: Zouk, 2004.

\_\_\_\_\_. *Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual*. REVISTA PAUL. Educação Física, São Paulo, v. 16, n. 2, jul./dez. 2002, p. 130-143.

\_\_\_\_\_. *O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANFELICE, Gustavo. *As relações entre o esporte contemporâneo e o Olimpismo na cobertura dos Jogos Olímpicos*. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>. Acesso em 23 out. 2014.

SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLO, Tiago. “Esporte, lazer e meios de comunicação”. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Salto para o futuro*. Boletim 09, 2007.

## **Sites**

Comitê Olímpico do Brasil: [www.cob.org.br](http://www.cob.org.br)

Comitê Olímpico Internacional: [www.olympic.org](http://www.olympic.org)

Esporte Essencial: [www.esporteessencial.com.br](http://www.esporteessencial.com.br)

Instituto Verificador de Circulação: [www.ivcbrasil.org.br](http://www.ivcbrasil.org.br)

Ministério do Esporte: [www.esporte.gov.br](http://www.esporte.gov.br)

O Globo: [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)

ONU Brasil: [www.onu.org.br](http://www.onu.org.br)

Revista Galileu: [www.galileu.globo.com](http://www.galileu.globo.com)

Rio 2016: [www.rio2016.com.br](http://www.rio2016.com.br)

Uol Esportes: [www.esporte.uol.com.br](http://www.esporte.uol.com.br)

YouTube: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)